

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**JOSÉ LEVITICO SILVA SANTOS**

**ÉTICA E RELIGIÃO COMO COMUNICAÇÃO DE EXISTÊNCIA  
HUMANA EM KIERKEGAARD**

São Leopoldo

2017



**JOSÉ LEVITICO SILVA SANTOS**

**ÉTICA E RELIGIÃO COMO COMUNICAÇÃO DE EXISTÊNCIA HUMANA EM  
KIERKEGAARD**

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
para obtenção do grau de Mestre em  
Teologia pelas Faculdades EST -  
Programa de Pós-Graduação. Linha de  
Pesquisa: Ética e Gestão.

Orientador: Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237e Santos, José Levítico Silva  
Ética e religião como comunicação de existência humana em Kierkegaard / José Levítico Silva Santos ; orientador Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.  
83 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Ética. 2. Religião. 3. Existencialismo. 4. Kierkegaard, Søren, 1813-1855. I. Schaper, Valério Guilherme. II. Título.

JOSÉ LEVITICO SILVA SANTOS

ÉTICA E RELIGIÃO COMO COMUNICAÇÃO DE EXISTÊNCIA HUMANA EM  
KIERKEGÅARD

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
para obtenção do grau de Mestre em  
Teologia pelas Faculdades EST -  
Programa de Pós-Graduação. Linha de  
Pesquisa: Ética e Gestão.

Data da aprovação: 13 de Julho de 2017.

---

Valério Guilherme Schaper – Doutor em Teologia – Faculdades EST

---

Rudolf Eduard von Sinner – Doutor em Teologia – Faculdades EST



## DEDICATÓRIA

Ao meu príncipe Pedro Arthur, meu primeiro filho, que foi nos  
presenteado por Deus no meio deste processo acadêmico.





## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida e da sabedoria. Aos meus queridos e amados pais: José Paiva e Maria da Silva e aos meus irmãos e irmãs que sempre me motivaram aos estudos, proporcionando uma educação pautada na ética e na moral. Ao meu amor e dona de minha alma Ana Cristina, minha esposa e mãe de meu filho, minha companheira, que compartilhou comigo momentos de sabedoria e aprendizado ao longo desta caminhada do mestrado. A Faculdade Pan Americana por ter me apresentado o Mestrado Profissional e impulsionar-me a trilhar este caminho do conhecimento. Ao meu orientador, prof. Dr. Valério Guilherme Schaper, que foi paciente, humano e profissional nas avaliações e contribuições acerca da melhoria e aperfeiçoamento da pesquisa. Às irmãs, Maria de Ascensão Lemos da Silva e Leticia Moreira Santa Brígida, diretora e vice do Instituto Santa Teresinha IST – Bragança-PA, onde eu atuo como professor, que me proporcionaram liberação das atividades laborais nos períodos de aula presencial na Faculdades EST – São Leopoldo-RS, para que eu pudesse aperfeiçoar meus conhecimentos acerca da Teologia e Filosofia. A todos e todas, familiares e amigos, que de alguma forma, me incentivaram para que eu não desistisse da caminhada.



**SALMO 8<sup>1</sup>**  
**Homenagem ao Deus onisciente**

1 Senhor, Senhor nosso,  
como é majestoso o teu nome em toda a terra!  
Tu, cuja glória é cantada nos céus.

2 Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos  
firmaste o teu nome como fortaleza,  
por causa dos teus adversários,  
para silenciar o inimigo que busca vingança.

3 Quando contemplo os teus céus,  
obra dos teus dedos,  
a lua e as estrelas que ali firmaste,

4 pergunto: Que é o homem,  
para que com ele te importes?

E o filho do homem,  
para que com ele te preocupes?

5 Tu o fizeste um pouco menor  
do que os seres celestiais  
e o coroaste de glória e de honra.

6 Tu o fizeste dominar  
as obras das tuas mãos;  
sob os seus pés tudo puseste:

7 todos os rebanhos e manadas,  
e até os animais selvagens,

8 as aves do céu, os peixes do mar  
e tudo o que percorre as veredas dos mares.

9 Senhor, Senhor nosso,  
como é majestoso o teu nome em toda a terra!

---

<sup>1</sup> BIBLIA DE JERUSALEM, *Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais.* Traduções das introduções e notas de La Bible de Jérusalem, edição de 1998, publicada sob a direção da "Ecole biblique de Jérusalem".



## RESUMO

Nesta produção dissertativa, pretende-se aludir *ética e religião como comunicação de existência humana* na filosofia existencial e religiosa de Kierkegaard. E para a melhor compreensão, o presente instantâneo foi organizado em três momentos: no primeiro, ele faz um esclarecimento do que seja ética, religião, comunicação e existência. No segundo, a reflexão vem tratar do ser humano como um ser religioso, que passa por três estágios existenciais até se reconhecer como religioso e caminhar com Deus na solene religião. Já outro ponto de suma importância é quando se fala da religião como o “remédio” para a doença mortal do ser humano. E ainda dentro dessa elaboração, discorrer-se-á sobre o homem e seu desespero de ser o que é, não querendo ser, e não poder ser o que gostaria que fosse.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética, Religião, Comunicação, existência, desespero, Deus.



## ABSTRACT

In this dissertative production the intent is to deal with *ethics and religion as communication of human existence* in the existential and religious philosophy of Kierkegaard. For better comprehension, this snapshot is diluted into three moments: in the first it clarifies what ethics, religion, communication and existence are. In the second, the reflection deals with the human being as a religious being who goes through three existential stages until this being recognizes itself as religious and walks with God in the formal religion. Another point of utmost importance is when one talks about religion as the "remedy" of the mortal illness of the human being. And still within this elaboration we will discourse about man and his desperation of being what he is, not wanting to be, and not being able to be what he would like to be.

**Keywords:** Ethics, Religion, Communication, Existence, Despair, God.





## Sumário

INTRODUÇÃO .....	19
1. ÉTICA, RELIGIÃO, COMUNICAÇÃO E EXISTÊNCIA .....	23
1.1 <i>A Ética em Kierkegaard</i> .....	26
1.2 <i>A religião é comunicação</i> .....	32
1.3 <i>A existência</i> .....	36
<b>2. O SER HUMANO É RELIGIOSO .....</b>	<b>41</b>
2.1 <i>Estágio estético</i> .....	43
2.2 <i>Estágio ético</i> .....	49
2.3 <i>Estágio religioso</i> .....	54
<b>3. A RELIGIÃO, O “REMÉDIO” PARA A DOENÇA MORTAL .....</b>	<b>63</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>



## INTRODUÇÃO

*As palavras são veículos que transmitem ideias e sentimentos. De nada adianta sabermos reproduzir o veículo se não conseguimos reter a sua carga. Da mesma forma, de nada adianta sabermos a falar e repetir os conceitos se não conseguimos entender o sentido último por trás das palavras<sup>2</sup>.*

Esta produção dissertativa é resultado de um longo tempo de pesquisa bibliográfica, leitura, reflexão, meditação e angustiantes momentos de hermenêutica para interpretar e compreender os conceitos, pensamento e os personagens pseudônimos usados por Kierkegaard, que em sua rica literatura, intencionalmente, pouco manifestou claramente seus pensamentos e ideias, sem falar que quando escreve sobre ele, sempre usa pseudônimos; bem como a ironia como método e característica de sua escrita, fazendo com que o leitor pense, interprete e até se angustie para saber quando é Kierkegaard quem está falando e pensando ou se é um dos pseudônimos que está pensando e falando. Ele sabia o que estava fazendo e tudo o que ele fez tinha uma intenção, uma finalidade, e a intenção de que suas obras não eram escritas para qualquer um lê-las, sem dúvida era uma desta, pois para lê-las e compreendê-las, requer tempo e muita dedicação e como se sabe, as pessoas que tiram tempo com dedicação para ler uma obra densa como a de Kierkegaard são poucas e dentre elas, o autor deste texto.

Contudo, foi pela angustiante dialética de querer compreender Kierkegaard, que o autor deste trabalho descobriu e passou a acreditar que uma intensa leitura e uma rigorosa pesquisa, podem ser algo que transforma qualquer pesquisador ou leitor, pois pode possibilitar pensamentos inovadores, vida nova, ideias transformadoras e atitudes libertadoras, e foi ao ler e pesquisar que ele teve a ideia motriz de dissertar o tema desta pesquisa que é: “*Ética e religião como comunicação de existência humana em Kierkegaard*”, que analisa o ser humano como um ser de existência ética e religiosa, ou seja, um ser que dá significado para a sua vida.

Neste trabalho, objetivou-se mostrar que a ética e a religião são de suma importância para o ser humano enquanto ser coletivo, individual e social. E a filosofia-teológica Kierkegardiana é um convite ao leitor e leitora a se conhecer e a

---

<sup>2</sup> ABDALLA, Maurício. *Uma janela para a filosofia*. São Paulo: Paulus, 2014.

conhecer melhor a humanidade por meio de sua própria existência; existência essa, que é humana e divina, temporal e eterna, imanente e transcendente, finita e infinita.

O texto foi organizado em três momentos essenciais para a melhor compreensão do conceito de ética, religião, comunicação e existência, segundo a hermenêutica feita de leituras das obras de Soren Aabye Kierkegaard, objeto central da pesquisa.

A produção dissertativa é desenvolvida em três capítulos, o primeiro faz uma breve distinção do que seja *ética, religião, comunicação e existência na concepção Kierkegardiana*. E por isso esse capítulo é subdividido em três tópicos, um sobre a ética Kierkegardiana, o segundo sobre a religião e comunicação, e o terceiro tópico do capítulo desenvolve-se sobre o conceito de existência; também segundo uma concepção Kierkegardiana.

Já no segundo capítulo, dar-se-á maior enfoque ao ser humano enquanto um ser religioso, pelo fato de ser criado a imagem e semelhança do seu Criador e que segundo Kierkegaard, passa por estágios existenciais antes de se reconhecer religioso, estágios reconhecidos e chamados de: *Estágio Estético, Estágio Ético e Estágio Religioso*. Em vista disso, este capítulo também é subdividido em três tópicos, para detalhar o estágio estético da existência humana; o estágio ético, assim como o estágio religioso, que é um equilíbrio e descoberta da religiosidade dentro dos estágios da existência humana.

Por fim, no terceiro capítulo é feita uma abordagem sobre a religião como sendo o “remédio” para a doença mortal do ser humano, que se angustia, peca e se desespera, por ser o que não gostaria que fosse e por não poder ser o que gostaria de ser. Todavia, é na conclusão que o autor pesquisador faz suas considerações relevantes e instigantes, para assim concluir que a pessoa religiosa tem como dever e obrigação à vida ética e moral, muito mais do que a pessoa não religiosa.

Grande parte das pesquisas surge para responder um problema e propor uma hipótese e com o autor desta pesquisa, não foi diferente. Pois, a problematização que moveu toda a pesquisa e construção deste trabalho foi uma inquietação subjetiva-objetiva comensurável de compreender ou responder às seguintes questões existenciais elaboradas a partir de leituras das obras do pensador dinamarquês: Qual a importância da religião como comunicação da

existência humana para viver a ética e ser feliz? Por que não pensar que a ausência da vida ética religiosa e a falta de comunicação, sejam os fatores de grandes problemas da humanidade? Qual a importância e as consequências dos três estágios existências do ser humano, segundo Kierkegaard: Estágio Estético, Estágio Ético e Estágio Religioso?

Ora, muitos pensam e ouvem falar frequentemente acerca de ética em todas as profissões e ciência, porém, poucos sabem o verdadeiro significado do que seja essa filosofia moral. Do mesmo modo, hoje muito se fala sobre religião e poucos vivem e conhecem o verdadeiro significado da religião e sua importância na vida do ser humano. Por outro lado, tem-se presenciado no século XXI, números elevados de denominações religiosas e igrejas. Foi pelo fato de ouvir e ver as pessoas falarem tanto em ética e se assumirem religiosas, mas viverem no dia a dia o oposto daquilo que se espera de uma pessoa ético-religiosa, que levou esse pesquisador a fazer uma reflexão sobre o tema “Ética e Religião, como Comunicação de Existência humana”. Pode se pesar que estes conceitos existenciais tenham uma única finalidade na vida do ser humano, a de fazer com que ele viva com mais alegria e felicidade. Eles significam a vida; e a vida só é mais bela quando é significada. Por isso, ética, religião e comunicação são expressões significativas da própria existência humana.

Desse modo, a pesquisa procurou pensar a ética e a religião, como comunicação de existência humana, mostrando a importância ontológica de ter uma religiosidade e ser uma pessoa ética, e que a ética e a religião são de suma importância para o ser humano enquanto ser coletivo, individual e social. E também propor ao leitor e à leitora, a se conhecer e a conhecer melhor a humanidade através de sua própria existência; existência essa, que é humana e divina, temporal e eterna; imanente e transcendente, pensando no ser humano como sendo religioso por natureza, de essência única, que se comunica e se desespera pelo fato de trazer em si a marca do seu criador<sup>3</sup>.

Também foi objetivo da pesquisa comparar a vida ética com a vida religiosa e relacionar a vida religiosa com a vida ética para a arte do viver bem e feliz.

---

<sup>3</sup> Faz-se uma referência a grandeza do ser humano a partir do salmo 8,6.

E na Filosofia e Teologia Kierkegaardiana, a pesquisa, reflexiva e bibliográfica, flui na compreensão da existência religiosa do ser humano, que passa por estágios existenciais antes de se descobrir e se assumir como ser religioso.

Se o leitor ou a leitora forem atentos, eles perceberão que a religião é vista aqui em dois pontos de reflexão, no primeiro trata-se de Deus como a essência de todas as religiões pelo fato de o homem procurar o divino e se compreender que o objeto de sua busca está dentro de si mesmo. Já no segundo e último ponto de reflexão, trata da religião na compreensão do desespero humano por ser, mesmo não querendo, e não poder ser o que gostaria que fosse lançando-se, assim, para o sagrado.

Ao ler esse escrito, a leitora e o leitor passarão a se conhecer melhor, pois se interrogarão para conhecer melhor a própria interioridade existencial, como pensara Freud, “nós somos muito mais o que ocultamos do que o que manifestamos”.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund, *Obras completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1977. p. 34.

# 1. ÉTICA, RELIGIÃO, COMUNICAÇÃO E EXISTÊNCIA

*Comunicar-se é conseguir transmitir um conteúdo interno de uma consciência individual para outras consciências individuais. Como não podemos fazer isso sem mediações, criamos as linguagens: as palavras faladas ou escritas, os gestos, o desenho, música, a poesia, etc. Às vezes comunicamos apenas com a nossa forma de viver, outras com um simples olhar. Mas sempre estamos tentando transferir para outras pessoas algo que, de início, só existe em nosso interior.<sup>5</sup>*

Ao fazer uma reflexão inicial sobre os conceitos *ética, religião, comunicação e existência*, sugere-se que é possível pensar que estes quatro conceitos tiveram e ainda têm uma única finalidade na vida do ser humano, a de fazer com que ele viva com mais alegria e felicidade. Pois, ratificando o que foi dito anteriormente na introdução deste escrito, a vida só é mais bela quando é significada. Por isso, ética, religião e comunicação são expressões significativas de nossa própria existência. O núcleo da existência humana e da ética está relacionado com as escolhas, e “a noção de escolha constitui uma das ideias fundamentais da filosofia de Kierkegaard”.<sup>6</sup>

Afinal, poucos param para refletir, meditar e submeter-se sem revolta a algo pela própria existência, pois o ser humano vive em uma velocidade de fluidez como nunca antes, assim como pensara Bauman.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> ABDALLA, Maurício 2004, p. 3.

<sup>6</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. Trad. Carlos Grife, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. 3.ed. (Col. Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 4.

<sup>7</sup> Zygmunt Bauman foi um filósofo e sociólogo polonês que viveu em meados do século XX e início do século XXI, morrendo em 09 de janeiro de 2017. Foi um dos intelectuais mais respeitados da atualidade. Aos 87 anos, seus livros venderam mais de 200 mil cópias, um resultado e tanto para um teórico. Entre eles, “Amor líquido” é talvez o livro mais popular de Bauman no Brasil. É neste livro que o autor expõe sua análise de maneira mais simples e próxima do cotidiano, analisando as relações amorosas e algumas particularidades da “modernidade líquida”. Vivemos tempos líquidos, nada é feito para durar, tampouco sólido. Os relacionamentos escorrem das nossas mãos por entre os dedos feito água.

Bauman procura investigar neste livro, porque as relações humanas estão cada vez mais flexíveis, gerando níveis de insegurança que aumentam a cada dia. Os seres humanos estão dando mais importância a relacionamentos em “rede” (pela internet através de bate-papo, e-mail ou celular através de mensagens de texto e bate-papo) que podem ser desmanchados a qualquer momento e muito facilmente, sendo que assim, sendo este contato apenas virtual, as pessoas não sabem mais como manter um relacionamento longo e duradouro. E isso não ocorre apenas nas relações amorosas e vínculos familiares, mas também entre os seres humanos de uma maneira geral. BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.19.

Nessa velocidade, fluir e devir, poucos tiram um momento de seu tempo para se relacionar humanamente com os outros, porque a comunicação de pessoa com pessoa, assim como pensaram os filósofos e teólogos humanistas e personalistas<sup>8</sup>, está entrando em extinção e imperando o discurso do “EU ISSO”<sup>9</sup>, ou seja, a relação de pessoa e objeto. Vive-se um momento onde se valoriza mais os objetos das pessoas do que a própria pessoa. Por essa inversão de valor, muitos buscam enriquecer a qualquer custo, formas ou maneiras. Mesmo que seja, com tráfico, roubo, prostituição e morte. O exemplo disso é a corrupção que é noticiada em todos os lugares do nosso país, onde nada importa senão o ter, e ter de uma forma ou outra. A corrupção é o paradigma do momento, seja na política, segurança pública, saúde e até no esporte.

Esta é uma época, em que muitos falam em ética e até mesmo anseiam por essa filosofia moral, mas não procuram vivenciá-la, pois, esta é a época da “comodidade moral”.<sup>10</sup> As pessoas vivem o momento da “comodidade moral”<sup>11</sup>, pela qual se comportam como se a obrigação moral e ética fosse dos outros e das outras e não sua. Como se os outros e as outras errassem e ele ou ela não. Como se o outro(a) roubar fosse errado, mas se você roubar não é. Ora, com essa inversão de sentido e de valor, fica claro que a sociedade passa por uma crise ética e não uma crise moral; claro porque a moral é particular e a ética é universal. Porque se não é certo roubar milhões dos cofres públicos, também não é certo negar seu imposto de renda, furar a fila em um banco, passar no sinal de trânsito fechado, dirigir alcoolizado, mentir e até mesmo colar em uma prova em sala de aula. Logo, se você não é correto, certo, moral e ético nas pequenas coisas, jamais será nas grandes.

O ser humano não nasce ético nem muito menos virtuoso, mas se torna no decorrer da existência com o fazer de suas escolhas. Um cidadão jamais pode falar de um político corrupto, quando ele vendeu seu voto, votou em branco ou até

---

<sup>8</sup> A lista de nomes dos pensadores do Personalismo e Humanismo é grande: Juan Manuel Burgos, Emmanuel Lévinas, Gabriel Marcel, Jacques Maritain, Emmanuel Monier etc. Contudo referenciamos um filósofo e teólogo personalista e humanista do nosso Século; Karol Józef Wojtyła, que viveu entre 1920 - 2005. Wojtyła, mediante uma síntese criativa entre a filosofia do ser e a filosofia da consciência, oferece uma resposta à pergunta “quem é a pessoa humana”. Para isso, ele rompe o esquema clássico da “pessoa à ação” e faz o itinerário intelectual ao contrário: da ação à pessoa.

<sup>9</sup> BUBER Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão e introdução por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo. Centauro, 2001.

<sup>10</sup> CORTELLA, Mario Sergio & FILHO, Clóvis de Barros. *Ética e vergonha na cara*. Campinas: Papirus & Mares, 2014, p. 63-70.

<sup>11</sup> CORTELLA, Mario Sergio & FILHO, Clóvis de Barros, 2014, p. 63-70.



mesmo tenha votado em um candidato réu, respondendo processo. Quando a corrupção chega ao topo da pirâmide é porque o corpo dela está corrompido. É como se a corrupção fosse uma espécie de câncer social e seu mal se expandisse por todas as células desse corpo.

Fala-se isso, para não esquecer de que a responsabilidade ética e moral é de cada cidadão e cidadã cristão e cristã que habita a *polis*. Por isso a ética tem que ser vivida na prática assim como Jesus viveu e propôs e ainda propõem.

A ética vivida e proposta por Jesus não é parte justaposta à sua vida e à sua mensagem religiosas. Jesus não foi “moralista” nem propôs “moral”. Ao contrário, a ética de Jesus não é outra coisa senão a implicação moral do conflito religioso de sua vida. É moral “derivada” ou moral “contextualizada” no texto vivo de sua pessoa<sup>12</sup>.

A pessoa ética de Jesus era parte integrante e ativa da sua divindade, e por isso Ele não fazia o que era correto, certo, justo, humano e divino porque havia um código ou sistema de regras e normas imposto a Ele. Mas sim, porque quando o sujeito é ético, ele age eticamente independente se há alguém vendo ou uma lei impondo, já que, para ser bom, justo, correto e moral, não se precisa de teoria, nem muito menos de um código rígido que tem de ser vivido rigorosamente. Precisa-se apenas contextualizar sua pessoa com a sua vida moral e ética, assim como fizera Jesus.

No mundo em que vive o sujeito contemporâneo e no sistema econômico, qual faz parte, tão difícil quanto se comunicar com pessoas e seres éticos, é reservar um pouco de tempo para se voltar para dentro de si mesmo e alimentar o espírito com a religião. Na filosofia do ter sempre, e ter cada vez mais, se vende e compra tudo, e nesse mercado de compra e venda, a própria interioridade das pessoas também é comercializada e assim consumida.

A vida consumista favorece a leveza e a velocidade. E também a novidade e a variedade que elas promovem e facilitam. É a rotatividade, não o volume de compras, que mede o sucesso do *homo consumens*.<sup>13</sup>

A religião que tinha como fim último ligar homem e mulher a Deus, acoplar o transcendente com o imanente, o temporal com eterno, o finito com infinito; passa agora a, no máximo, ligar a pessoa com seus objetos, que incluem até a igreja. Mas,

<sup>12</sup> VIDAL, Marciano, 1937. *Moral de atitudes* (tradução Ivo Montanhese). V. 1-3 – Aparecida, SP: Editora Santuário, 1978. p.11.

<sup>13</sup> BAUMAN, 2004, p. 67-68.

o fim mesmo da religião, do “*homo consumens*”<sup>14</sup>, nem é esse, e sim ligar as pessoas a seu lucro no final de cada mês.

É como se o indivíduo reduzisse o poder transcendental e infinito da religiosidade para no máximo até sua conta bancária ou até somente ao seu dízimo. Esse é o tempo das pequenas igrejas e grandes negócios. Quando não se pode mais viver eticamente, comunicar-se humanamente e nem a alimentar sua alma e espírito com o poder do amor religioso. Tudo perde seu significado, nada tem sentido nem muito menos sabor eterno.

Contudo, espera-se que as pessoas tenham coragem de resgatar o amor pela humanidade e assim também resgatem a humanidade com coragem, pois,

Sem humanidade e coragem não há amor. Essas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos.<sup>15</sup>

Poder fazer escolhas é um dos pilares fundamentais para levar o ser humano à vida ética e moral, afinal a vida virtuosa é resultado de muitas delas. De uma forma metafórica, pode-se dizer que o jardim da vida virtuosa é plantado e regado de boas escolhas. E o que é a Ética, senão um bom hábito de fazer escolhas certas, reflexivas, críticas, universais e livres? E foi isso que Kierkegaard fez. Ele escolheu uma forma de viver eticamente a partir de sua própria pessoa e existência.

No tópico abaixo, será discutido moral e ética, mas se concentrará a discussão de modo especial na ética Kierkegaardiana, que é uma das finalidades desta pesquisa.

### 1.1 A Ética em Kierkegaard

*O esforço continuado é a expressão da visão de vida ética do sujeito existente.*<sup>16</sup>

A Ética por ser filosoficamente conceituada como Filosofia Moral, é, muitas vezes, confundida com a Moral, ou seja, é como se Moral e Ética fossem apenas

<sup>14</sup> VIDAL, Marciano, 1937, p. 11.

<sup>15</sup> BAUMAN, 2004. 2004, p. 22.

<sup>16</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*, vol. I; tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Pensamento Humano), 2013. p.128.

sinônimos uma da outra. E, maior agravante, é que isso faz com que o indivíduo, no final das contas, não saiba nem o que é uma nem a outra. Mas não obstante, mesmo Ética e Moral não sendo a mesma coisa, o bom mesmo seria que a pessoa moral fosse ética e que a pessoa ética fosse um ser Moral. Já que, “moral e ética são às duas faces da mesma moeda”. Ora, o leitor ou leitora deve estar se perguntando: “e como conceituar a Ética separada da Moral e assim quebrar este “paradigma do sinônimo?”. Muito simples, pode-se pensar na Moral como a “filosofia moral particular” de cada ser humano e a Ética como a “filosofia moral universal” deste mesmo Ser.

Dessa maneira, caro leitor e cara leitora, pode-se dizer que, a Moral faz parte da religiosidade, da cultura, dos costumes, das crenças e dos valores particulares de cada País, Estado, comunidade, família ou pessoa.

Já a Ética, por ser universal, cabe a ela fazer uma reflexão crítica, racional e livre sobre os comportamentos da Moral, ou como escreveu o Filósofo e Teólogo Italiano Antonio Marchionni:<sup>17</sup>

A Ética indagaria os princípios universais e teóricos do agir humano: ela seria mais abrangente e única. A Moral estudaria as normas e os comportamentos particulares, práticos e subjetivos de uma sociedade ou grupo ou pessoa: ela seria mais localizada e plural. Alguns até inventam: a Moral estudaria os princípios gerais, a Ética as normas e os comportamentos particulares.<sup>18</sup>

Seria como se a Moral dissesse: “é bom fazer o bem” e a Ética, “deve-se fazer o bem”. “A Ética seria o exercício da Razão na Filosofia Racionalista e a criação livre das regras do viver. A Moral seria o exercício da Fé na Religião e a imposição de normas divinas”.<sup>19</sup>

Não obstante, mesmo que Ética e Moral não seja a mesma coisa, elas visam e buscam a mesma coisa, o mesmo objetivo, que é o viver bem e feliz, já que, a filosofia moral é a arte do viver bem; a Ética é a Arte do Bom. “A Ética é a arte que

---

<sup>17</sup> Antônio Marchionni nasceu na Itália em 1944 e vive no Brasil desde 1974. Completou seus estudos de filosofia e teologia na Universidade Urbanista de Roma e de letras clássicas na Universidade do Sagrado Coração em Milão. É mestre pela em Teologia pela PUC-SP e doutor em Filosofia pela Unicamp.

<sup>18</sup> MARCHIONNI, Antônio. *Ética: a arte do bom*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.31.

<sup>19</sup> MARCHIONNI 2008, p. 31.

torna bom o operado e o operante - *Ethica est ars bonum faciens operatum et operantem*".<sup>20</sup>

A ética é uma filosofia de vida moral, reflexiva, crítica e universal que, dependendo do sujeito que a viver na práxis, poderá orientar e significar toda a vida existencial, humana, moral, cultural, política e cristã. E é justamente nesta direção, que se pode pensar em uma ética em Kierkegaard, afinal, para ele a vida ética é o segundo estágio da existência humana antes da vida religiosa. Por isso, a interioridade do existente ético é também à sua exterioridade; interioridade e exterioridade agem em consonância na vida do ser ético Kierkegaardiano.

Quanto mais a vida avança, e o existente, por suas obras, se deixa envolver nas teias da vida, tanto mais difícil fica separar o ético do exterior, e tão mais facilmente o [enunciado] metafísico parece ser reforçado, segundo o qual o exterior é o interior, e interior é o exterior, cada um plenamente comensurável com o outro<sup>21</sup>.

A ética de Kierkegaard é a ética da autoavaliação pessoal, da não conformidade medíocre com o histórico-universal do ser que só pensa no imediato, esquecendo o essencial. É a ética do sujeito que está em constante transformação, para ser cada vez melhor com os outros, com Deus e consigo mesmo. Sua ética é uma ética cristã, é um convite de autoanálise e transformação de vida. Principalmente para aqueles que estão muito ocupados com casual (em ter e ter a qualquer custo e consumir compulsivamente) e esquecem-se de fazer uma reflexão do que seja realmente essencial e significativo para sua vida. Ainda hoje, até mais do que no tempo de Kierkegaard, tem muitas pessoas que levam a vida sem atribuir-lhe um sentido transcendental, existencial e eterno para sua existência ética e acabam por ficar em uma situação de "mimo".<sup>22</sup>

E "mimado pela constante ocupação com o histórico-universal, só quer o importante e tão somente ele, só se preocupa com casual, com o resultado histórico-universal, em vez de se preocupar com o essencial, o interior, a liberdade, o ético".<sup>23</sup>

O sujeito que não tem liberdade para escolher o ético e trabalhar seu interior, torna-se dependente das coisas sensíveis, empíricas, pragmáticas e

<sup>20</sup> Apud MARCHIONNI, 2008, p. 17.

<sup>21</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*, vol. I; tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Pensamento Humano). p. 143.

<sup>22</sup> É termo kierkegaardiano, para se referir a pessoas interesseiras, viciadas em recompensa.

<sup>23</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.140.

cômodas, e assim, aliena-se as imposições do mundo exterior. A ética da reflexão, a ética da autoavaliação e transformação pessoal kierkegaardiana, têm desejos e anseios de levar a pessoa moral a um entusiasmo ético superior ao pragmatismo e sensacionalismo histórico-universal. Já que, as ações éticas em Kierkegaard, são de escolha livre, consciente e independente do que os outros mandam, pensam ou pedem, seu jeito exterior de ser é como seu interior é. Suas ações éticas e vida moral cristã jamais desejam esperar retornos práticos, como reconhecimento, respeito, admiração e honra pelo simples fato dele mesmo cobrar muito de si e nada esperar dos outros.

Independente da aceitação social ou não, a essência da ética está em poder levar o ser humano ao extremo de suas capacidades e lançar uma condição superior e divina como nenhuma outra coisa.

O verdadeiro entusiasmo ético consiste em desejar ir ao extremo das próprias capacidades, mas também, exaltado num gracejo divino, jamais pensar se com isso se vai, ou não, leva acabo alguma coisa. Tão logo o querer começa a entortar o olhar para o resultado, o indivíduo começa a se tornar imoral: a energia do querer ficar entorpecida, ou desenvolvida anormalmente num desejo ardente malsão, antiético, mercenário, que, mesmo que venha a realizar algo de grandioso, não o realiza eticamente; o indivíduo quer algo que é diferente do que é justamente o ético.<sup>24</sup>

Ora, em Kierkegaard a ética é o jeito certo de ser e fazer das coisas conforme os princípios universais cristãos. Estes princípios são comensuráveis, com os outros, consigo mesmo e com Deus, assemelha-se muito à ética de Cristo. E quando alguém faz uma boa ação ou toma uma postura ética moral, a espera de grandeza e visando à finalidade, esta ação perde o sentido ético e torna-se imoral, já que seus princípios mercenários são incomensuráveis.

Hoje, os indivíduos vivem em uma sociedade que é movida pelos estímulos e efeitos, onde o sujeito só faz o correto comensurável universal, se houver algum estímulo ou recompensa, ou se os efeitos de suas ações forem maiores ou menores em forma de custo benefício. Por exemplo, muitos motoristas só usam o cinto de segurança porque eles têm medo de ser visto pelo guarda de trânsito e levar uma multa; assim como dirigir alcoolizado e falar no telefone ao volante, evita-se por causa do estímulo e efeito da lei. O imposto de renda, se não fosse a malha fina, muitos não declarariam.

---

<sup>24</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.140.

Kierkegaard, em sua ética tenta cumprir as exigências de Deus e não as dos homens de seu tempo, ele busca através de sua existência, realizar valores comensuráveis cristãos, que vão contra os valores incomensuráveis do mundo. É uma ética comensurável, porque se pode viver e realizar na existência de qualquer pessoa que queira ir além do histórico-universal e chegar até a dialética do ético.

Feliz de quem pode cumprir as exigências de Deus sorrindo das exigências de seu tempo; feliz de quem pode desesperar por não ser capaz de atender essas últimas, contanto que ele não abandone Deus! Só uma tal individualidade é ética, mas ela também entendeu que o histórico-universal é uma composição que não é diretamente dialética para o ético.<sup>25</sup>

O ser humano que não se desesperar diante de suas imperfeições, aquele que não se autoavalia e não se angustia para querer ser um sujeito, dificilmente escolherá cumprir as exigências de Deus e chegar ao ético. Se o ser humano não tornar sujeito de suas respectivas ações, vida e existência; não existe a ética para ele, muito menos como ela julgar. “Como a ética teria de julgar, caso o tornar-se um sujeito não fosse a mais alta tarefa que se coloca a todo e qualquer ser humano. Como ele teria de julgar?”<sup>26</sup>

Se não me tornar sujeito, não tenho liberdade, reponsabilidade; nem mesmo maturidade. Em Kierkegaard, há um cidadão livre e responsável, maduro e observador, que se tornou sujeito de reflexão, meditação e ação de si mesmo. Tudo que ele almeja fazer; faz com reflexão, autoavaliação e com responsabilidade comensurável. Aqui, tornar-se sujeito é tornar-se ético.

A ética de Kierkegaard tem como método dialético a observação e a constante atenção de seu próprio ser e fazer. O ser ético é um observador e avaliador de suas ações e existência, que ao querer ser ético, faz uma escolha objetiva que leva a se tornar um observador. Ora, o ser humano ético é aquele que está em constante observação de si mesmo. Ele se preocupa e está atento a cada ato e cada momento que faz eticamente. Observa a si mesmo, corrige-se e cobra muito dele mesmo.

Todo o resto é conversa fiada de seminarista; pois uma coisa é certa: que a direção objetiva que leva a tornar-se um observador é, no uso linguístico moderno, a resposta ética à questão a respeito do que eu deva fazer eticamente. (Ser observador, eis o ético! Dever sê-lo é a resposta ética – de

<sup>25</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.143.

<sup>26</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.138.

outro modo, é-se forçado a admitir que não há qualquer questão sobre o ético e, portanto, tampouco uma resposta).<sup>27</sup>

A ética, diferente do que muitos pensam e imaginam, é pouco, metafísica e mais prática, sua existência é mais concreta do que teórica. Ser ético é ser atento para si e para com os outros, fazer das ações boas e justas um bom hábito e não uma imposição. É como disse Kierkegaard: “Ser observador, eis o ético!”<sup>28</sup>

É instigante pensar em uma sociedade uma sociedade de valores práticos e concretos, onde todos fossem observadores de seus próprios atos, deveres, obrigações e fazeres; em uma sociedade que pregassem o respeito, a solidariedade, o companheirismo, amor e paz; princípios divinos que o ser humano está perdendo e muitos até já perderam. Isto é lamentável, pois o ser humano é uma síntese de corpo e alma, divino e humano, temporal e eterno. E também assim o era para Kierkegaard: “o homem era, portanto, uma síntese de alma e corpo, mas também é uma síntese do temporal e do eterno”.<sup>29</sup>

Os indivíduos estão perdendo a sensibilidade e tornando-se seres humanos frios; humanos insensíveis, que não se arrependem do mal que cometem; não se colocam no lugar das vítimas e nem dos injustiçados e assim muitos vão vivendo de uma forma demoníaca, esquecendo que “(...) o demoníaco foi considerado como algo eticamente condenável”.<sup>30</sup> É como se o “indivíduo”<sup>31</sup> antiético se alegrasse diante do mal e se angustiasse diante do bem. É essa inversão de sentido e a perda de sentimentos e sensibilidade humana, que é demoníaco; “o demoníaco é angústia diante do que é bom”.<sup>32</sup>

O arrependimento é a contradição suprema da Ética; em parte porque a Ética, justamente ao exigir a idealidade, tem de se contentar com o arrependimento e, em parte, porque o arrependimento torna-se dialeticamente ambíguo com referência ao que deve anular, ambiguidade essa que só a dogmática anula na Redenção, na qual a determinação do

<sup>27</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.139.

<sup>28</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 139.

<sup>29</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angustia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionado ao problema dogmático do pecado hereditário*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013. (Coleção Pensamento Humano). p. 90.

<sup>30</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.127.

<sup>31</sup> Há uma nítida compreensão separatista em Kierkegaard, entre ser um “indivíduo” e ser um “sujeito”: o “Sujeito” é o ser ético em sua finalidade; o “Indivíduo” é o ser antiético demoníaco.

<sup>32</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.141.

pecado hereditário se faz nítida. Além disso, o arrependimento retarda a ação, e é esta última o que a Ética propriamente exige.<sup>33</sup>

A contradição entre ética e arrependimento ocorre pelo fato de que no arrependimento, o indivíduo primeiramente comete uma infração e só depois reflete no erro cometido. E na idealidade ética, primeiramente o sujeito reflete, e só a partir daí pratica ação pensada. O arrependimento suscita pelo fato do indivíduo realizar uma ação e só depois parar para pensar. Na idealidade ética não ocorre assim, pois o sujeito primeiramente pensa, e só depois realizar uma ação.

O arrependimento é a contradição suprema da ética, pelo fato do arrependido querer anular um ato já realizado e consumado do passado no presente; enquanto que na ética essa anulação se dá antes, no futuro para realização do ato presente. Arrependimento e ética são situações que retardam a ação, sendo que um retardar é no passado e o outro é no futuro.

A idealidade ética é uma utopia desejada por todo ser moral. Afinal, quem não gostaria de aprender e crescer só com acertos? Mas, como a perfeição humana é uma constante lapidação e um eterno devir, conformar-se-á com o arrependimento, que já é um fluir do indivíduo errante demoníaco para o sujeito pensante ético. Como diz Kierkegaard: “O esforço continuado é a expressão da visão de vida ética do sujeito existente”.<sup>34</sup>

Mais adiante, no segundo capítulo, retornar-se-á a questão ética em Kierkegaard, porém, considerando os estágios da existência humana, que são os estágios estético, ético e religioso. Mas, agora será abordado neste próximo tópico a religião e a comunicação como expressões significantes da existência humana também na concepção kierkegaardiana.

## 1.2. A religião é comunicação

*Entendo genericamente comunicação tanto à transferência de informações codificadas – isto é, de sinais que exprimem ou representam estavelmente um determinado objeto físico ou mental, a partir de certas regras – de um sujeito para o outro, mediante processos bilaterais de emissão, transmissão, recepção, interpretação, quanto uma relação*

---

<sup>33</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.123.

<sup>34</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.128.



*social no curso da qual dois ou mais sujeitos chegam a compartilhar significados especiais.*<sup>35</sup>

A religião, para as definições lexicais, é “um reler”, “um reeleger”, “um religar”. A religião é “crença na garantia sobrenatural de salvação, (como) define o dicionário de filosofia, e técnica destinada a obter e conservar essa garantia”.<sup>36</sup> A garantia religiosa é sobrenatural, no sentido de se estabelecer além dos limites abordados pelos poderes do homem de agir ou de poder agir onde ambos são importantes e ainda de ter um modo de ação misterioso e imperscrutável. Além do mais, a religião é uma experiência particular e pessoal do ser humano, é uma comunicação do divino com o humano, do interior e exterior, do corpo com a alma, do céu com a terra e que não tem como ser esgotada em conceitos e explicações; fazendo com que, quanto mais se disponha a explicá-la, mais enigmática ela fica, pois tudo o que faz ao explicá-la, é no máximo uma aproximação.

Se todos os anjos unissem seus esforços, eles ainda assim só seriam capazes de produzir uma aproximação, porque no que se refere ao conhecimento histórico uma aproximação é a única certeza - mas é pequena para que sobre ela se construa uma bem-aventurança eterna.<sup>37</sup>

A experiência religiosa é uma bem-aventurança eterna, em que sentir é tudo e a explicação é nada. A explicação religiosa reúne as pessoas, mas só a experiência do sentir religioso, transforma o ser humano. A comunicação religiosa concretiza-se no sentir e não no falar. E falar da religião sem ter a experiência do sentir, é como falar de paternidade sem ter a experiência de ser pai; o máximo que se conseguiu é uma aproximação. Explicação religiosa sempre será pequena comparada com a experiência sagrada.

Na religião, só se pode falar do fenômeno, daquilo que se manifesta diante dos olhos do sujeito explicador. Essa explicação se dá apenas do exterior no tempo e no espaço, aquilo que é do interior do ser religioso e está fora do tempo e do espaço, o máximo que falares é uma intuição; e intuição também não passa de uma aproximação. Como disse Farago, parafraseando Kierkegaard: “A religião é a interpretação do sentimento religioso pelo entendimento”.<sup>38</sup> A religião é fenomênica,

<sup>35</sup> GALLIANO, Luciano. *Dicionário de Sociologia* – tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus. 2005. p.130.

<sup>36</sup> ABBAGNANO, Nicolai. *Dicionário de filosofia*. 4.ed. Martins Fontes: São Paulo, 2000. p. 846.

<sup>37</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 36.

<sup>38</sup> FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes. 2006. p. 37.

ela existe no interior e no exterior das pessoas, faz parte do tempo e do espaço e vai além do tempo e do espaço.

A religião também é amor; já que Deus é amor e Ele é a raiz mais profunda da religião, o ramo mais alto e transcendental, o alimento mais salutar; o criador de todas as criaturas e criação; Pai que ama do céu.

Se Deus é amor, pode-se pensar no amor como sendo uma das essências da religião, como diz o Filósofo e Teólogo dinamarquês: “no céu as pessoas não se casam, mas certamente se amam, pois quando acabarem a fé e a esperança, realizadas plenamente, o amor continuará. Pois o amor permanece”.<sup>39</sup>

Para Kierkegaard, a religião é comunicação de existência. A religião também pode ser compreendida como confiança. É entregar-se a Deus e caminhar com Ele numa conexão oposta à lógica da razão. Muito mais de que uma aposta, ela é uma convicção, uma certeza no “agora ainda não”, um ponto seguro que o ser humano pode se apoiar em todos os momentos; principalmente nas grandes adversidades de angústia e crise existencial. O autor desta pesquisa, arraigado à filosofia de Kierkegaard, não tem dúvida de que a religião é um fenômeno existencial de proporções significativas e sobrenaturais na vida das pessoas, no mundo e na sociedade. A religião pode servir como ordem social.

Somente a ordem religiosa- escreve ele, pelo socorro da eternidade, pode realizar na íntegra a igualdade humana, que é divina, essencial, não [...]. Eis porque o religioso representa o homem verdadeiro atitude a qual corresponde à noção de próximo.<sup>40</sup>

A religião é de suma importância para o ser humano, enquanto ser coletivo, individual e ético-social ela acolhe a pessoa em sua integralidade divina e humana, imanente e transcendente, temporal e eterna, finita e infinita. “Todos crédulos e incrédulos de uma forma ou de outra somos tocados pelo espírito da religião”<sup>41</sup>, diz Dalgalarondo. Porque ser religioso não é somente ir a um templo para ver Deus, mas sim, ser capaz de ver e conviver com Deus que há em cada pessoa, em cada

---

<sup>39</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *As obras do amor*. Apresentação e tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls; revisão da tradução, Else Hagelund. Bragança Paulista: Editora Universitária. São Francisco. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2013. p. 9.

<sup>40</sup> FARAGO, 2006, p. 34.

<sup>41</sup> DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, Patologia e Saúde Mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 16.

ser humano, amar e cultivar o amor ao próximo, isso é tocar e ser tocado pela religiosidade.

“A religião é, seguramente, um objeto de investigação dos mais complexos”<sup>42</sup>, posto que, como fenômeno humano, é, a um só tempo, experiencial psicológico, sociológico, antropológico, histórico, político, teológico e filosófico”.<sup>43</sup> Ou seja, a religião se faz presente no ser humano e é para o ser humano um fenômeno existencial, que faz parte do passado, presente e futuro. E com ela, a pessoa se comunica com o imanente, o transcendente e a sociedade, já que, na teologia cristã a própria “Trindade é uma Sociedade” conforme afirma Boff.<sup>44</sup>

Das mil e uma formas de comunicação a religião é a mais magnífica e bela comunicação (patrimônio existencial) da humanidade. Pode-se afirmar, segundo Abbagnano, que:

Muitos filósofos e sociólogos utilizam hoje esse termo para designar o caráter específico das relações humanas que são ou podem ser relação de participação recíproca ou de compreensão. “Portanto, esse termo vem a ser sinônimo de “coexistência” ou de vida com os outros” e indica o conjunto dos modos específicos que a coexistência humana pode assumir, com tanto que se trate de modos “humanos”, isto é, nos quais resta certa possibilidade de participação e de compreensão. A comunicação nada tem em comum com a coordenação e com a unidade. “As peças de uma máquina estão estreitamente coordenadas e formam uma unidade, mas não formam uma comunidade”. [...] Os homens formam uma comunidade porque se comunicam, isto é, porque podem participar reciprocamente dos seus modos de ser, que assim adquirem novos e imprevisíveis significados.<sup>45</sup>

A comunicação em si deve mostrar certo grau de livre participação, pois sua essência é livre e são muitos os modos de se comunicar, e a religião é um desses. Na relação humana, a comunicação recíproca é tudo, a incompreensão é nada. Isso porque na comunicação há uma relação de reciprocidade e completude, de entendimento e sentimento, onde quem fala não só ouve sua fala, como também sente que está sendo compreendido, e quem escuta, não só ouve como também é interpelado pelas palavras de quem fala. Na comunicação não só há uma relação auditiva e compreensiva, como também uma relação de sentimento e alteridade.

<sup>42</sup> François Laplantine propõe, em seu texto, pensar antropológicamente a religião, que não sendo um objeto antropológico autônomo, “[...] ela (religião) é considerada como expressiva do social (Durkheim), do político (Georges Balandier) de processos psíquicos (Freud, Devereux)”.  
<sup>43</sup> DALGALARRONDO, 2008, p. 16.

<sup>44</sup> BOFF, Leonardo. *A Trindade, a Sociedade e a libertação*. Petrópolis Vozes, 1986. p. 17.

<sup>45</sup> ABBAGNANO, 2000, p. 161.

O pensamento objetivo presta atenção, portanto, apenas a si mesmo e, por isso, não é comunicação, pelo menos não comunicação artística, na medida em que desta sempre se exige que pense no receptor e preste atenção à forma da comunicação em relação à má compreensão do receptor.<sup>46</sup>

Comunicação e religião fazem parte da existência humana, elas proporcionam uma relação com o mundo, com Deus, com os outros e si mesmo; com o imanente e também o transcendente. Religião e comunicação dão sentidos à existência humana, elas criam vínculos e deixam vincos.

Vínculos existenciais comunitários, familiares, escolares, espiritual e até mesmo intelectual; vínculos de amizade de respeito e amor. Vincos como marca de transformação, lapidação, dobra e abertura. Religião e comunicação deixam vincos que podem se transformar em vínculos; vínculos de relação e comunicação; vincos que marcam pelos sentidos sentimentais e emocionais. Isso porque, religião e comunicação são expressões significativas da existência humana. E é sobre o conceito de existência, em Kierkegaard, que será falado no próximo tópico.

### 1.3. A existência

*Existir significa relacionar-se com o mundo, ou seja, com as coisas e com os outros homens.*<sup>47</sup>

Em geral é qualquer delimitação ou definição de ser, ou seja, um modo de ser de alguém, modo delimitado e definido. Esse é o significado mais geral, mas também pode ser considerado um dos significados particulares como modo de ser definido, determinado, modo de ser real ou de fato e modo de ser próprio do homem. “A existência como individualidade é apenas a existência humana”.<sup>48</sup> Tal modo foi analisado por Kierkegaard no seu tríplice aspecto, de se relacionar com o mundo, consigo mesmo e com Deus.

Kierkegaard contribuiu com a ideia original do existencialismo de que não existe qualquer predeterminação com respeito ao homem, que essa indeterminação e liberdade levam o homem a uma permanente angústia. O seu pensamento fundamental que dá base para o existencialismo, é que, inexistente um projeto básico para o homem verdadeiro, uma essência definidora do homem, porque cada um se define a si mesmo e assim é uma verdade para si. Nesse contexto, o motor

<sup>46</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 78-79.

<sup>47</sup> ABBAGNANO, 2000, p. 402.

<sup>48</sup> ABBAGNANO, 2000, p. 400.

conhecido que sintetiza o pensamento existencialista, “no homem, a existência precede a essência”.<sup>49</sup>

Aos olhos de Kierkegaard, portanto, a existência como modo de ser constituído pelas relações do homem, consigo mesmo, com o mundo e com Deus é analisável em um conjunto de possibilidade cujo caráter é justamente não possuir, por si mesmo, nenhuma garantia de realização. Certamente Deus pode conferir segurança e infalibilidade a tais possibilidades (porque para Deus 'tudo é possível').<sup>50</sup>

Portanto, o relacionamento do homem com Deus é possível. E Ética, Religião, Comunicação e Existência são premissas desse relacionamento, ou seja, dão sentido a sua vida. Toda religião é comunicação e toda comunicação é uma relação de existência ética. A existência humana depende de seus significados, pois quando uma pessoa perde o significado da vida, nada mais tem sentido. A grande crise existencial da humanidade hoje é a ausência de sentido. Ora, “(...) a criatura de Deus não pode construir o seu “eu ideal” com as próprias mãos, pela simples razão que seu “eu” está sempre nas mãos de Deus”.<sup>51</sup> E para Kierkegaard, a vida não tem nenhum sentido sem a presença do amor de Deus, já que, grande na concepção do teólogo e filósofo dinamarquês, não é aquele que Deus ama, mas aquele que ama Deus.

Não! Nada será perdido dos que foram grandes; cada um a seu modo e segundo a grandeza do objeto que amou. Porque aquele que se amou a si próprio foi grande pela a sua pessoa; quem amou a outrem foi grande dando-se; mas o que amor a Deus foi o maior de todos.<sup>52</sup>

É possível compreender que Kierkegaard, está falando de sua filosofia existencial. O homem não é um ser determinado nem definido pela história como o definiu Hegel, ele deve tornar-se grande, amando a si próprio, amando o próximo e amando a Deus. A dignidade do homem e da mulher está em eles serem autor e autora, ator e atriz de sua própria história se assim eles quiserem, “(...) a eterna dignidade do homem (do ser humano), é sua capacidade de ter uma história, e o divino que está nele consiste no fato de que, se quiser, pode dar continuidade a essa história”.<sup>53</sup>

<sup>49</sup> ABBAGNANO, 2000, p. 400.

<sup>50</sup> ABBAGNANO, 2000, p. 400.

<sup>51</sup> FARAGO, 2006, p. 188.

<sup>52</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 117.

<sup>53</sup> FARAGO, 2006, p. 153.

Isso porque Kierkegaard desde muito cedo, quando ainda criança ouvira a bela história de Abraão, onde Deus pondo-o à prova pede o seu filho em sacrifício; justamente Isaac que nascera na velhice e era o filho da promessa. Quanto mais velho ficava, mais voltava para o episódio de Abraão, porém, sua compreensão ficava cada vez mais embaçada. Acabou por esquecer tudo, fixando na alma um só desejo: ver Abraão; e um só pensar: o de não ter sido testemunha do acontecimento.

Kierkegaard, não tinha aspirações de contemplar outros países, menos ainda aspirava ao acúmulo de riquezas. Seu maior desejo era ter participado da viagem de Abraão, rumo ao monte de Moriá, o local para o sacrifício.

Quisera ter participado na viagem dos três dias, quando Abraão, montando no seu burro, seguia com a tristeza em frente e Isaac ao lado. Quisera estar presente no instante em que Abraão, ao erguer os olhos, viu ao longe a montanha de Moriá, no instante em que despediu os burros e trepou a encosta, sozinho com o filho - porque estava preocupado, não por engenhosos artifícios da imaginação, mas pelos os temores do pensamento.<sup>54</sup>

Foi justamente este episódio e a criação na fé religiosa, que fez de Kierkegaard, o filósofo da religião e o pensador da filosofia existencial. Toda a sua filosofia é voltada para a existência humana ética e religiosa.

Para o filósofo religioso, era impossível compreender que um pai sacrificasse o filho por obediência a Deus e, muito mais difícil de compreender era o fato de Deus ter feito esse pedido, pois para a lógica humana isso é incompreensível, incomensurável. E além do mais, essa ação no ponto de vista jurídico, seria uma ação criminosa e para a razão humana essa ação é vista como crime de filicídio. Isso é incompreensível para a lógica da razão humana, mas Kierkegaard descobriu que a lógica da fé supera a lógica da razão e isso ele chamou de “salto”.

Kierkegaard foi um contemplador assíduo da fé religiosa e profundo simpatizante do Cristo Filho de Deus. O pai da fé, Abraão foi à personagem mais importante de sua obra *Temor e Tremor*. Ele considerava Abraão como o maior de todos os homens, porque todos os grandes homens sobrevivem na memória dos vindouros pela importância do que combateu e assim, uns combateram contra o mundo, outros contra si mesmos e há aquele lutando contra Deus tornou-se maior

<sup>54</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 113.

de todos. “Aquele que lutou contra o mundo, foi grande triunfando no mundo, o que combateu consigo próprio foi grande pela vitória que alcançou sobre si - mas aquele que lutou contra Deus foi o maior de todos”.<sup>55</sup> É grande porque com Deus não se luta com a força, mas com a fraqueza; com Ele não se luta com a razão, mas com a crença da fé, usando o amor e a esperança como arma desse combate.

Tal é a suma dos combates travados na terra: homem contra homem, um contra mil; mas aquele que luta contra Deus é o maior de todos. Tais são os combates deste mundo: um chega ao termo usado da força, o outro desarma Deus pela sua fraqueza. Viu-se os que se apoiaram em si próprio de tudo triunfarem e os outros, fortes de sua força, tudo sacrificarem – mas o maior de todos foi o que acreditou em Deus. E houve grandes homens pela sua energia, sabedoria, esperança ou amor - mas Abraão foi o maior de todos: grande pela energia cuja força é fraqueza, grande pelo saber cujo segredo é loucura, pela esperança cuja forma é demência, pelo amor que é ódio a si próprio.<sup>56</sup>

Ora, não tem como compreender a experiência mística de Abraão, se não pela fé, já que a lógica da fé é oposta à lógica da razão, só se compreende crendo que para Deus nada é impossível. E foi crendo que “pela fé Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi estrangeiro na terra prometida. Abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé; se refletisse no absurdo da viagem, nunca teria partido”.<sup>57</sup> E foram estas ações que fizeram de Abraão, o pai da fé e exemplo de um homem crente, o qual o filósofo existencialista religioso tanto contemplava. “Condoer-se de alguém e chorar com o que chora é humano, mas, é maior o que crê e mais reconfortante ainda do que contemplar o crente”.<sup>58</sup>

Pela fé Abraão obteve a promessa de que todas as nações da terra seriam abençoadas na sua posteridade. Passava o tempo, mantinha-se a possibilidade e Abraão cria. Passou o tempo, tornou-se absurda a esperança, ele acreditou. Por ele se viu na vida do ser humano e no mundo o que era ter esperança. Passou o tempo, a tarde atingiu seu ocaso, e este homem nunca teve a covardia de renegar a ela; por isso jamais será esquecido.

---

<sup>55</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 118.

<sup>56</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 118.

<sup>57</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 118.

<sup>58</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 118.

Para o filósofo-teólogo dinamarquês, Abraão acreditou no absurdo. Por isso, ele não para de fazer elogios ao pai da fé. Abraão “foi grande por amar Deus até o ponto de lhe sacrificar o melhor que possuía”.<sup>59</sup>

Kierkegaard, além de ser um filósofo *religioso* é também um pensador considerado existencialista, por voltar toda a sua investigação para compreender sua própria existência. Embora o nome mais conhecido do existencialismo seja o do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), pela influência que seu pensamento teve na França, sua discussão teve origem na tradição filosófica que valorizava a experiência humana concreta e que atribuiu à filosofia o dever de ter consequências sobre a vida. Dentre os pensadores que influenciaram Sartre, está o filósofo dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard; principalmente seus conceitos de autenticidade, responsabilidade, escolha, angústia e absurdo.

Logo, falar do pensamento filosófico e teológico de Kierkegaard é falar dele mesmo. À luz de seus escritos pode-se dizer que a fonte das suas obras é sua própria existência. “Passou a viver solitariamente sua realidade singular e incomunicável, declarando que sua vida seria reflexão do princípio ao fim”.<sup>60</sup>

Para ele a filosofia e a teologia, resumiam-se em tomar consciência das exigências absolutas feitas a qualquer pessoa que queria viver uma existência verdadeiramente autêntica. Kierkegaard tornou-se um “homem problema para si mesmo, ele nunca deixou de interrogar e analisar a si próprio”.<sup>61</sup> A existência é comunicação do ser humano com sua religiosidade interior.

No próximo capítulo será discutido o ser humano religioso nos estágios existenciais de Kierkegaard.

---

<sup>59</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 123.

<sup>60</sup> Decidiu então romper o noivado interpretando a decisão como consequência de uma vocação filosófica e religiosa. Com o rompimento do noivado, Regina Olsen sentiu-se ferida em seu orgulho de mulher casou-se Fritz Schlegel, 1988, IX.

<sup>61</sup> KIERKEGAARD, 1988, IX.



## 2. O SER HUMANO É RELIGIOSO

*Assim como formou o homem e a mulher Deus também formou o herói, o poeta ou o orador.*<sup>62</sup>

Para afirmar que o ser humano é religioso, essa premissa parte de uma interpretação de crença e concepção de fé, a partir da teoria do criacionismo bíblico no livro de Gênese, a qual sendo uma bela narrativa teórica de fé, ela oferece o sentido ao ser humano de pertença com o seu Criador e por cima de tudo põe o homem e a mulher como sendo as criaturas preferidas e prediletas de Deus, afinal Ele não só os cria, como também os criou a sua imagem e semelhança, dando o poder de domínio sobre aves do céu, peixe do mar, animais domésticos e todas as feras e repteis que rastejam na terra.<sup>63</sup>

Ora, o que se acredita é que, para toda pessoa religiosa, assumida ou não, a sua concepção antropológica e humana é uma concepção religiosa, pois há em cada pessoa uma pequena noção de que fora criada por Deus, e essa concepção, que faz da pessoa um ser religioso é confirmada pela sagrada escritura, uma das maiores demonstrações éticas e de comunicação de Deus para com a humanidade e da humanidade para com Deus. Pois, ao ler a Sagrada Escritura, ali é Deus quem fala para com humanidade, pois a Bíblia é Palavra de Deus e nela não há contradição muito menos mentira e engano.

Deus disse: “Façamos o homem a nossa imagem, como nossa semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os repteis que rastejam sobre a terra.” Deus criou o homem a sua imagem a imagem de Deus ele criou, homem e mulher ele os criou, Gen.1,26-27.<sup>64</sup>

Em vista dessa confirmação sagrada, acredita-se que o ser humano é religioso, já que homem e mulher foram criados por Deus e são sua imagem e semelhança. Isso leva a crer que todo ser humano é religioso por essência; não porque as pessoas quiseram isso e por querer assim, elas definiram a compreensão do ser humano religioso, mas porque a palavra de Deus leva a crer nessa verdade.

---

<sup>62</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Trad. Torrieri. Paraná: Hemus, 2008. p.11.

<sup>63</sup> Aqui o que se pretende é constatar a religiosidade humana e expor a compreensão do caráter religioso do ser humano a partir de Kierkegaard.

<sup>64</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Traduções das introduções e notas de La Bible de Jerusalém, edição de 1998, publicada sob a direção da “Ecole biblique de Jerusalém”. (Gen.1,26-27)

Porém, nem todos têm esse conhecimento, essa consciência e à fé. Não obstante, isso não quer dizer que, quem não tem esse conhecimento, essa consciência e à fé, não seja religioso, pois, a essência religiosa do ser humano, não está no conhecimento, nem na consciência, muito menos na fé; ela está, na sua gênese, origem e criação. Pois a pessoa é religiosa mesmo não sabendo, simplesmente porque ama, sofre se sensibiliza e está sempre fazendo alguma coisa por amor e o amor não é outra coisa a não ser religioso e “o que se faz por amor não é moral, mas religioso”,<sup>65</sup> diz Nietzsche. Depois, como o próprio Soren Aabye Kierkegaard, em sua obra *Conceito de Angústia* no capítulo III, sobre a angústia dialeticamente no sentido da culpa, disse: “assim como as pessoas de nosso tempo nascem mais espertas do que antigamente para as coisas do mundo, a grande massa já nasce cega para o que diz respeito ao religioso”.<sup>66</sup> Do mesmo modo, existem muitas pessoas cegas para o que diz respeito às coisas de Deus.

Para os que não se conhecem como ser religioso e não sabem nada dos estágios existenciais da vida, é muito importante conhecer os três estágios da existência humana, compreendidos pelo o teólogo-filósofo Kierkegaard. Ele compreende a existência humana como determinada por três estágios: o estágio Estético, o Ético e o Religioso, os quais foram experiências vividas em sua própria existência humana e religiosa.

Os três estágios são formas de compreender melhor a pessoa e resgatar o indivíduo em sua integralidade em todas as suas dimensões. Porém, por mais que os estágios da existência humana em Kierkegaard tenham uma lógica de evolução da imaturidade à maturidade ou da irresponsabilidade estética para a responsabilidade ética e da maturidade ética à existência religiosa, isso não quer dizer que na existência de cada pessoa os estágios irão acontecer sempre da mesma forma. Isso não irá acontecer de fato, e por mais que tenha ocorrido com Soren, não quer dizer que se realizará também com todo mundo da mesma forma.

Afinal, a grande importância de compreender os estágios, não é a sequência lógica de evolução do indivíduo estético para o sujeito ético e do sujeito ético ao ser religioso, mas sim, a possibilidade de identificar em que estágio da existência

---

<sup>65</sup> FARAGO, 2006, p. 126, cita Nietzsche em relação a suspensão teleológica da ética para Kierkegaard.

<sup>66</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 112. (O conceito de Angústia)

humana uma pessoa se encontra, e pode ser que um senhor ou uma senhora já bem idosos, ainda estejam no estágio estético, enquanto que um jovem já esteja vivendo o ético e um adolescente já esteja no último estágio da existência humana, que é o religioso.

Como escreveu Oliveira e Cremonesi, em seu artigo intitulado *A existência humana em seus três estágios estético, ético e religioso, segundo Soren Kierkegaard*: “Em Kierkegaard, a importância daquilo que se designa como sendo os três estágios da existência humana, reside do fato de que, sem os mesmos, não seria possível ao humano conhecer a realidade existencial do indivíduo”.<sup>67</sup>

Dessa maneira o homem religioso consciente, segundo Kierkegaard é o que vive no equilíbrio dos três estágios. E para que o leitor e a leitora possam compreender melhor os três estágios da existência humana, a seguir serão esclarecidos cada um deles e em que fase da existência do indivíduo é mais fácil identificar e representa pela idade de vida da pessoa.

## 2.1 Estágio estético

*O leitor não fica apreensivo, nem pela existência, nem pela exatidão dialética da categoria; a narrativa é uma encantadora mixórdia de um pouco do estético, um pouco do ético e um pouco do religioso.*<sup>68</sup>

O estágio estético é a fase do ser humano na qual ele se encontra sem grandes responsabilidades, compromissos e fidelidades com os outros, consigo mesmo e com Deus, é a fase da juventude que vive perigosamente, por não ser capaz de amar ou por amar da maneira errada. Segundo Soren, “amar-se a si mesmo da maneira certa e amar o próximo se equivalem totalmente, e no fundo são a mesma coisa. Tu deves amar a ti mesmo da maneira certa”.<sup>69</sup> O amar-se da maneira certa não acontece com a pessoa *esteta*, já que, para ela assim como escreveu Farago, em sua obra “Compreender Kierkegaard” em 2006:

O risco de falha no saudável amor a si mesmo, a verdadeira preocupação consigo é inerente à existência humana. É o que faz o homem do estágio

<sup>67</sup> CREMONEZI, André Roberto. *A existência humana em seus três estágios estético, ético e religioso, segundo Soren Kierkegaard* v. 17, n. 1, p. 17-18, out/nov. 2015. Artigo Científico disponível em: <[http://www.fapas.edu.br/frontistes/index.php?Page=Artigo&artigo\\_id=57](http://www.fapas.edu.br/frontistes/index.php?Page=Artigo&artigo_id=57)>. Acesso em: 11 nov. 2016.

<sup>68</sup> KIERKEGAARD, 2012, p. 303. (Pós-escrito às Migalhas filosóficas)

<sup>69</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.38. (As obras do amor)

estético, “o esteta” é aquele que não sabe amar-se a si mesmo, como tampouco a quem quer que seja.<sup>70</sup>

Nesse estágio, o ser humano está movido e embriagado pelos prazeres imediatos, onde para ele o amor a si próprio é o gozo, que significa gozar: pelos prazeres imediatos, curtos e passageiros e jamais pelos prazeres eternos e infinitos do compromisso e da reponsabilidade pelo outro, consigo mesmo e com Deus. O esteta não pode amar outrem, porque não sabe amar a si próprio e não sabendo amar a si mesmo, vive a vida nas fronteiras do perigo, do risco e na constante angústia, por viver arriscadamente e não ser preenchido interiormente no fluir dos seus prazeres.

Para Kierkegaard, este primeiro estágio da existência humana é típico da juventude, que foge de Deus, dos compromissos e das responsabilidades; onde vive uma vida entregue a si mesmo buscando prazeres temporais imediatos, se entorpecendo na embriaguez de uma vida carente de sentido e assim vive-se uma vida de desespero. Essa fase é fácil de ser compreendida, porque foi uma fase vivida pelo filósofo dinamarquês e também é muito presente na vida de muitos jovens do nosso século.

Antes do episódio do noivado, em um momento de ruptura com o pai, entregue a si mesmo, Kierkegaard se deixou entorpecer pela embriaguez lúdica da vida estética, sujeito as sensações, fascinado pelo exagero, pela inversão das categorias paternas. Falou-se desses anos como do “caminho da perdição” jugou mais tarde esse período de sua vida com maior indulgência, dizendo que o vinho deve fermentar antes de clarear.<sup>71</sup>

Em relação a isso, não se pode esquecer que cada estágio é importantíssimo para existência humana, pois, é neles que as pessoas são lapidadas, amadurecidas e fermentadas, até se purificar no estágio religioso, que é o estágio harmonioso e existencial do equilíbrio dos três estágios da existência humana; estágio esse, que a pessoa não só adquiriu responsabilidade, como também aprendeu a amar-se em primeiro lugar, amar os outros e o melhor de tudo, amar a Deus.

Kierkegaard, não é um teólogo-filósofo que está em busca da verdade, mas um ser humano que reflete sob suas condutas e ações para ver se estão de acordo

---

<sup>70</sup> FARAGO, 2006, p. 120.

<sup>71</sup> FARAGO, 2006, p. 121.

com a vontade de Deus e com que pede o Evangelho, porque para ele, Deus é a verdade e o Evangelho é sua palavra.

Uma das características de Kierkegaard que é visível, mas que não se vê muito nas pessoas de nosso tempo é que ele é um homem penitente, que chega até a se martirizar quando percebe que não está andando de acordo com a vontade de Deus. No estágio estético, a pessoa age num desespero inconsciente sobre o temporal, esquecendo-se de suas duas dimensões, a divina e humana, finita e infinita, a de liberdade e de necessidade. O ser humano é espírito.

Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo próprio. Mas é melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si próprio, o conhecimento que ela tem de si própria, depois de estabelecida. O homem (o ser humano) é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Sobre este ponto de vista, o eu não existiu ainda.<sup>72</sup>

Percebe-se que o ser humano mesmo sendo eterno e livre, é um ser de necessidade, e a comunicação é uma das grandes necessidades do ser humano, pois, sem comunicação dificilmente existiriam. A existência humana necessita de comunicação, pois como se sabe, é pela comunicação que se cria uma linda amizade, constrói-se família, comunidade, sociedade e a pessoa descobre o seu próprio eu, ou seja, ela passa a se conhecer melhor. E é pela comunicação que o ser humano se relaciona com Deus, com os outros e com seu interior; fato esse que não acontece com a pessoa no estágio estético de sua existência. A pessoa “*esteta*” não se conhece por não se comunicar. Para ela, ela é uma relação em si, e como está citado acima, “*o eu não é uma relação em si*”, mas que em si, ela sirva para a pessoa se conhecer, e conhecer bem.

A vida da pessoa no estágio estético é uma vida de vazio, angústia e desespero, visto que sempre ao final dos prazeres imediatos e da embriaguez das aventuras libertinas, cai sobre si uma sensação de culpa trágica e o pouco tempo em que fica lúcido, ele sobrevive com a manifestação do arrependimento, que poderá levá-lo de uma realidade estética para a ética. O arrependimento deixa transparecer a total culpa e santidade que é eclipsada pela vida estética.

---

<sup>72</sup> KIERKERGAARD, 1988, p. 195.

A dor mais amarga é agora a manifestação o arrependimento, mas o arrependimento possui uma realidade ética, e não estética. É a dor mais amarga porque possui a transparência total de toda culpa, porém, justamente por essa transparência, não interessa do ponto vista estético. O arrependimento tem uma santidade que eclipsa o estético, não quer ser visto, ainda menos pelo espectador, e exigem uma espécie de iniciativa pessoal completamente diferente.<sup>73</sup>

Esta dor é muito amarga e angustiante, sofrida e desesperadora, não só pelo fato de cair sobre si o peso da culpa e do arrependimento, mas porque, isso exige dele postura pessoal, particular e individual, diferente do que ele vive. Tudo isso depende dele e de mais ninguém. Isso não é simples de ser suportado, porque neste estágio, se trata “(...) realmente de um homem (ser humano) insensível, desorientado, que esconde o desespero em uma fuga incessante, numa relação assassina. O esteta que tudo sacrifica ao prazer imediato vive de fato na dor”.<sup>74</sup> Na sua vida hedonista acaba por não conhecer seu próprio ser. Não vive sua vitalidade, e muito menos tem a coragem de compreender e viver no tempo fora do instante. “A atitude hedonista não é manifestação de vitalidade, mas falta de coragem, da coragem de se comprometer, de viver no tempo, e não no instante”.<sup>75</sup>

O ser humano “esteta” vive nas lembranças do passado querendo ressuscitá-las no instante presente. Estas lembranças podem ser boas ou traumas existenciais. “A lembrança em busca do tempo perdido, é de fato intrinsecamente contraditória: quer restaurar a imediatez do instante vivido sendo ao mesmo tempo um ato refletido”.<sup>76</sup>

O que se herda todos os dias para o esteta é longos momentos de ressaca, arrependimento, dor de cabeça e o pior de tudo, a angustiante sensação de vazio e falta de sentido existencial. Pois, ao final de uma noite de aventuras e perigos, tudo que resta ao amanhecer é uma sensação de pequenez, perda e vazio interior.

O “esteta” é uma pessoa para quem as lembranças estão sempre em sua frente. Ele não conhece a esperança e perde o sentido da vida. “(...) minha vida está totalmente nua de sentido”.<sup>77</sup> O “esteta” continua dizendo:

<sup>73</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Ou – Ou. Um Fragmento de Vida*. Ed. Relógio D'Água. Janeiro de 2013. p. 185-186.

<sup>74</sup> FARAGO, 2006, p. 122.

<sup>75</sup> ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da Filosofia contemporânea - do Século XIX à neoescolástica*. 4ªed. São Paulo: Loyola, 2011. p. 109.

<sup>76</sup> FARAGO, 2006, p. 122.

<sup>77</sup> FARAGO, 2006, p. 122.

Assim comigo, diante de mim, sempre um espaço vazio; o que se passa à minha frente é uma consequência situada atrás de mim. Esta vida é o mundo pelo o avesso; é cruel é insuportável... Diz-se: o tempo passa, a vida é uma torrente, etc. Não o percebo, o tempo permanece imóvel e eu também.<sup>78</sup>

O “esteta” perde aquilo que o homem (o ser humano, as pessoas) possui de mais profundo e mais sagrado, perde o significado da personalidade e continua se esvaziando de dignidade, vive o instante fora do presente sem nenhuma perspectiva para o futuro. Ele é como um moribundo. “Tu és como um moribundo morre todos os dias, não no sentido ordinário da palavra, mas a vida para ti perdeu a realidade”<sup>79</sup>, diz Kierkegaard.

Esta é uma vida de angústia e desesperança, onde viver é sobreviver, por esperar mais nada, e não esperar mais nada é a perda de sentido no viver e ser um esteta. “O desespero ao qual conduz a atitude estética é a desesperança de toda possibilidade da vida”.<sup>80</sup>

As duas partes condenatórias do esteta são: “por uma parte a ausência de desejo, pela a outra a submissão a todos os desejos, a embriaguez dos possíveis que deixam flutuar sem passar à realização de nenhum deles”.<sup>81</sup> Querendo tudo ao mesmo tempo, não quer nada, perambula num labirinto, onde o nada é seu escudo e sua bússola. No estágio estético, quem fala no ser humano é “o homem carnal,” que diz: “comemos e bebemos, porque amanhã morreremos”.<sup>82</sup> E como no dia seguinte o esteta não morre fisicamente, acaba por perceber que aos poucos está morrendo interiormente. O que ele não percebe é que, “este é o covarde desejo de viver a vida da sensualidade, esta desprezível ordem das coisas, onde se vive para se comer e para beber e onde não se come nem se bebe para viver”.<sup>83</sup>

Como é aludido, o homem esteta, tem uma noção completamente distorcida sobre a morte, ele vê a morte como algo negativo e a usa como justificativa para sua vida libertina. Para o esteta, a morte é um estímulo para a própria morte, mata tanto o corpo quanto o espírito. Porém, para uma pessoa religiosa, a morte nunca deve ser interpretada como algo negativo ou como estímulo para a própria morte. A morte

---

<sup>78</sup> FARAGO, 2006, p. 122.

<sup>79</sup> FARAGO, 2006, p. 123.

<sup>80</sup> ROVIGHI, 2011, p. 109.

<sup>81</sup> FARAGO, 2006, p. 123.

<sup>82</sup> FARAGO, 2006, p. 123.

<sup>83</sup> FARAGO, 2006, p. 123.

deve ser vista como positiva e muito benéfica para a existência humana, pois ela pode orientar e conduzir as pessoas para uma melhor vivência. “O pensamento da morte dá a exata velocidade que se deve observar na vida e indica a meta para onde se deve dirigir a corrida”.<sup>84</sup> Se o ser humano compreendesse melhor a morte, também compreenderia melhor a vida; se falasse mais da morte, tambémalaria mais da vida e quem respeita a morte, sem dúvida respeita ainda mais a vida; vida e morte são as duas vias da caminhada existencial do ser humano; enquanto muitos vivem simplesmente para morrer, poucos morrem todos os dias para se viver. O ser humano tem poucas certezas na vida e a morte é uma dessas poucas certezas, mas por não se prepararem e sempre evitarem falar de morte; ela deixa de ser uma certeza e passa a ser sempre uma surpresa.

O grande erro do esteta é que ele tem a morte e a vê como solução para seus problemas. Mas ela nunca deve ser vista, muito menos compreendida, como solução de problemas. Os ignorantes de espírito, os desequilibrados, os desesperados, os que não têm controle sobre a vida, traem o bem mais precioso de sua existência com a morte.

“Generalidade sobre a morte só faz embaralhar o pensamento – escreve Kierkegaard em sua meditação sobre uma sepultura. A certeza da morte, isso que é sério e a incerteza é a escola onde se exercita no sério”.<sup>85</sup> Não se deve ter medo da morte e sim respeita-la. Pois à morte encarada a sério é uma fonte de energia como nenhuma outra, ela torna o sujeito vigilante e a estimula a viver em fraternidade, amor e principalmente, a fazer o bem.

Aqui, a angústia é o estado que fere o homem que pretende permanecer no estágio estético da existência, já que o esteta tem uma existência falsa. “Existir de verdade seria viver cada instante como se fosse o primeiro e o último, aprender a viver cada instante que nunca mais voltará como o próprio advento”.<sup>86</sup>

Ratificando o que foi dito acima, este estágio é típico da juventude ou do adulto libertino, aqui se faz o que se gosta e evita o que não gosta. Nesse estágio, o homem vive uma vida sem princípio, o que não tem nada de religioso, muito menos

---

<sup>84</sup> KIERKEGAARD, 2006, p. 124.

<sup>85</sup> KIERKEGAARD, 2006, p. 124.

<sup>86</sup> FARAGO, 2006, p. 124.



ético. “O espírito não se deixa escarnecer, e a saída do estético (isto é, do hedonismo) é a tristeza e o desespero”.<sup>87</sup>

Toda a vida do ser humano é movida pelas escolhas e escolhas sempre requerem decisão sobre alguma coisa ou sobre o futuro, atitude essa, que não é feita nem permitida no ser estético, pois para ele, todas as possibilidades são equivalentes. “Na vida é preciso escolher: a atitude estética é a afirmação de que todas as possibilidades se equivalem, a atitude ética é decisão e escolha”.<sup>88</sup>

Ora, cansado de perambular no vazio de si mesmo, e não ser preenchido no fluir da imediatez dos prazeres e em busca de sentido existencial, a pessoa fará uma escolha, que não será mais equivalente a qualquer outra, terá que fazer a “escolha ética, que ao contrário, terá diante de si um futuro para decidir”.<sup>89</sup> E pela decisão de fazer e aprender saber fazer escolhas, é que o ser humano passará do estágio estético para o estágio ético. E é sobre este estágio, assim como o ser humano ético, que o tópico seguinte abordará.

## 2.2 Estágio ético

*A ênfase recai na escolha e no desenvolvimento de usos da imaginação ao serviço do ético presente no ato de escolher, indo para além do que faz “A”, de uma perspectiva estetizante, quando amplifica as possibilidades das suas vivências no domínio do imediato, e indo também para além do que “A”, de uma perspectiva filosófica, quando a partir da realidade que vê e observa, dá asas ao pensamento e avança no domínio teórico.<sup>90</sup>*

O estágio ético é o estágio das escolhas, da responsabilidade e do compromisso com o trabalho, com a família, consigo mesmo e com outrem. Os representantes deste estágio são homens e mulheres com a juventude amadurecida, que já trabalham, namoram e constroem famílias. Por ter um trabalho a pessoa passa a ter responsabilidade pelos horários de entrada e saída, sempre se preocupando em querer fazer e ser um alguém melhor. Da mesma forma, no namoro e no casamento a pessoa passa a se responsabilizar a se preocupar com o outro e

---

<sup>87</sup> ROVIGHI, 2011, p. 109.

<sup>88</sup> ROVIGHI, 2011, p. 109.

<sup>89</sup> ROVIGHI, 2011, p. 109.

<sup>90</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 15. (Ou – Ou. Um Fragmento de Vida)

consigo mesmo. Em vista disso, esse estágio é superior ao estágio estético, por salvaguardar valores que o esteta não salvaguardava.

No primeiro estágio, há uma comunicação do eu consigo mesmo, por isso o eu não existia. No estágio ético, já há uma comunicação com outrem e, por isso, no estágio ético, o eu já existe porque há uma relação de dois termos.

É nesse estágio que o homem e a mulher encontram seu próprio eu, e se encontrando, passam a se comunicar em uma relação de reconhecimento, respeito e amor com o seu corpo, sua alma e consigo mesmo. Diferentemente do estágio estético, no ético há uma relação de dois termos, em que eles se relacionam como relação de unidade.

Numa relação de dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada um, existência separada no seu relacionar-se com a relação; assim acontece com o respeito à alma, sendo a ligação da alma e do corpo uma simples relação. Se, pelo contrário, a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, temos então o eu.<sup>91</sup>

Nesse estágio, o homem (o ser humano, a pessoa) vive comprometido com seriedade e honestidade, pois, pensa eticamente, vive de forma ética e é capaz de construir um laço conjugal com outrem, que já superou a instabilidade da juventude e forma uma família. Sua vida passa ter novo sentido para viver e compartilhar seu existir com outras pessoas, seja no trabalho, no namoro ou no matrimônio. No estágio ético, a pessoa vive o presente projetando-se para o futuro, deixa para trás a imediatez dos prazeres hedonistas e passa se dominar em prol de prazeres duradouros e se possível, prazeres eternos.

De fato, a pessoa na sua maturidade, crescimento moral, racional e intelectual do estágio ético, supera o egocentrismo; assim como também rompe a prisão narcísica do esteta para viver o casamento e formar uma família, “dessa maneira transforma-se também a sua culpa estética em culpa ética”.<sup>92</sup> Aqui, o homem (ser humano) não vive mais só para si, mas para os outros e para o trabalho.

No casamento, o homem (o ser humano) não é apenas responsável por si mesmo, mas o é também por outro e diante de outro. A família promove a

<sup>91</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 195.

<sup>92</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 181. (Ou – Ou. Um Fragmento de Vida)

superação do egocentrismo, da prisão narcísica do esteta. Implica a necessidade do relacionamento da importância do outro como fim e não como instrumento de um capricho, de uma “experiência sem amanhã”, o brinquedo de um instante [...] o amor conjugal tem que ser vivido como a permanência da primeira vez.<sup>93</sup>

A pessoa paradigmática desse estágio é o esposo ou a esposa fiel, honesto e honesta, ambos cumpridores do dever, ele responsável pela esposa; ela pelo esposo e os dois se responsabilizando sempre pelos filhos e filhas, homem e mulher dedicados à família e ao trabalho. Assim disse o dinamarquês: “O que há de maldito, num noivado, continua a ser sempre o ético nele contido. O ético é tão entediante na ciência quanto na vida”.<sup>94</sup> É como se, na ciência e na ética, a pessoa não vivesse só para si, mas, muito mais para os outros, do que para si mesma.

Aqui a vida é movida pelo o raciocínio e pela moralidade. Tudo é calculado, os instintos são dominados pela vontade e pelo raciocínio e as paixões são reguladas pela a sua conduta moral. O ser ético pode não ser livre no querer, mas é livre no fazer. Fazendo bom uso de sua razão, faz boas escolhas e tem consciência do resultado de cada uma dela. Mesmo que ele deseje e ou queira fazer o mal, ele escolhe fazer o bem.

Esse é o estágio da vida do ser humano moral, que tomando controle de seu existir passa a viver de bom senso, se sente livre, autônomo e emancipado. Não é mais escravo dos seus instintos, nem mais um moribundo que vivia perambulando sem destino em uma vida sem sentido e sem nenhum futuro. Agora, tudo é regido pela moral e revestido de responsabilidade inalienável por quere ser submetido ao dever.

A moral que assegura uma sabedoria feita de bom senso e de medida é o bastante, afirma-se, para a solução dos problemas ordinários da vida, para o “geral”. Mas comporta igualmente o perigo de fazer o homem esquecer que ele é e deve ser um indivíduo singular, submetido a deveres pessoais e revestido de uma responsabilidade própria e inalienável.<sup>95</sup>

É muito louvável a maneira que o homem ético canaliza sua existência pelo comportamento moral. Ele sempre evita o mal e procura fazer o bem. Ele age eticamente, não pela coesão ou por pressão, mas, simplesmente, porque sabe que isso é benéfico para sua existência. Suas ações são pelo dever não pela obrigação,

<sup>93</sup> KIERKEGAARD, 2006, p. 130.

<sup>94</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 400. (Ou – Ou. Um Fragmento de Vida)

<sup>95</sup> FARAGO, 2006, p. 125.

seu guia é o dever moral e não seu querer pessoal. Essa conduta é muito instigante e reflexiva, quando é deparada com a maneira contemporânea de agir moralmente e eticamente, a maioria das vezes, na contemporaneidade, o indivíduo age moralmente não pelo fato de que isso seja bom, correto ou por ser uma prevenção para a sua existência; nem muito menos, por ser um sujeito autônomo e emancipado, mas pelo medo da punição por não agir eticamente. Pode ser usado como exemplo, aquele motorista que só usa o cinto de segurança quando vê o guarda; ele não reflete que o cinto de segurança foi feito para salvar vidas e não para livrá-lo da multa. Esse agir contemporâneo, não é o tipo de agir que Kierkegaard pensara no estágio ético da existência humana. O ser humano ético desse estágio é aquele que age responsabilmente, consciente de suas ações, que são baseadas na liberdade e jamais de maneira coercitiva. Isso porque “o ético é e sempre será a mais alta tarefa atribuída a qualquer ser humano”.<sup>96</sup>

Lembre-se de que o caminho até o ético é demasiadamente longo e se inicia a partir de uma escolha livre, consciente e responsável. Esse caminho leva o ser a se conhecer interiormente para deixar seu eu se manifestar exteriormente, não como indivíduo histórico-universal, mas como sujeito ético moral-ideal. Como disse Kierkegaard: “quanto mais profundamente alguém fizer, mais coisa terá por fazer; quanto mais profundamente alguém fizer, mais ético se tornará; quanto mais ético se tornar, menos tempo terá para o histórico-universal”.<sup>97</sup>

Se o leitor e a leitora estiverem atentos ao crescimento existencial do ser humano, segundo os estágios existenciais do dinamarquês Kierkegaard, devem estar imaginando que nesse segundo estágio, a pessoa já se encontra religiosa, já que o ser ético é aquele que conhece a si mesmo; seu interior conduz seu exterior, ele ama a si mesmo e ama seu próximo. Então, isso já não seria o bastante para ele ser um religioso? Mas para essa inquietação interrogativa do leitor e leira o próprio ser ético kierkegaardiano responde:

Isso eu não posso saber; sei apenas que preciso me manter no ético e não exigir nada, nada, e só me manter entusiasmado com minha relação ética para com Deus, a qual pode muito persistir, sim, poderia até se tornar mais interiorizada se Ele retirasse de mim esse dom.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 157. (Pós-escrito às Migalhas filosóficas)

<sup>97</sup> KIERKEGAARD, 2012, p. 169. (Pós-escrito às Migalhas filosóficas)

<sup>98</sup> KIERKEGAARD, 2012, p. 145. (Pós-escrito às Migalhas filosóficas)

Na vida regulada do estágio ético, Deus existe, mas essa pessoa não precisa d'Ele, só a razão basta para dar conta de toda a sua existência. Do mesmo modo a indagação pelo dever, pelo que é certo ou errado, não pode ser respondida por hipóteses ou tradição, num sentido dogmático ou autoritário, mas pela racionalidade humana, assim a palavra que determina o ético é a “virtude”, uma atividade conforme a razão, isto é, uma atividade que pressupõe o conhecimento racional. Sua finalidade é o agir responsável, segundo a qual ele conduz sua vida para o bem e para a busca à felicidade. Esse sujeito tornou-se capaz de ditar regras para si, após transformá-las num critério de validade geral, ou seja, ideal-universal; ele é capaz de deduzir normas exclusivamente pela razão frente aos desafios da existência e “com a verdadeira exaltação ética do infinito, ele tudo desdenha”.<sup>99</sup> O que há de mais paradoxal no ético, é que nele “(...) o herói ergue-se e cai, acima de tudo, devido aos seus próprios atos”.<sup>100</sup>

É que nessa sua vida racional, moral, certa, justa e quase perfeita, na qual tudo é determinado segundo uma lógica, o herói ético se dá conta de que seus atos, não o definem como perfeito. Assim como a culpa estética elevou até o ético, agora, recaindo toda culpa ética sobre seus ombros, o elevará até o religioso.

Então, já no fim do estágio ético, a pessoa descobre que ela estava vivendo do passado no presente e quem vive assim é um esteticista e não o sujeito ético, que vive no presente sempre se projetando para o futuro e assim evita os erros do passado. O cômico nisso, reside precisamente no isolamento. Assim como o esteticista isolou em si mesmo, o ético estava isolado nos seus princípios lógicos, morais e racionais. E foi assim que ele se deu conta, segundo Kierkegaard, de que:

Nada se quer saber do passado do herói, descarrega-se toda a sua vida, tal como seus atos, em cima de seus ombros, tornando-o de tudo imputável, mas dessa maneira transforma-se também a sua culpa estética em culpa ética. O herói trágico torna-se assim mal, o mal converte-se no próprio objeto trágico; porém, o mal não possui qualquer interesse estético e o pecado não elemento estético. Ora este esforço mal entendido tem seguramente fundamento em todo o trabalho deste tempo na direção do cômico. O cômico reside precisamente no isolamento; ora quando se pretendo aplicar o trágico dentro do isolamento, obtém-se o mal na sua vileza, e não o verdadeiro delito trágico na sua equivocada inculpabilidade.<sup>101</sup>

<sup>99</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 144. (Pós-escrito às Migalhas filosóficas)

<sup>100</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 181. (Ou – Ou. Um Fragmento de Vida)

<sup>101</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 181. (Ou – Ou. Um Fragmento de Vida)

Assim, o ético nesse belo modo de viver esbarra no pecado e ele descobre que não é honesto aos olhos de Deus. Na passagem do estágio ético para o religioso, o homem (ser humano, a pessoa) descobre que ele é ilógico e que também é religioso, pois o seu agir moral era um agir pelo amor, e o amor é uma célula vital da religião. “(...) A verdadeira moral, zomba da moral”. “O que se faz por amor, não é moral, mas religioso”.<sup>102</sup> E como disse o próprio dinamarquês em sua celebre *As Obras do Amor*: “pois o que vincula o temporal e a eternidade, o que é, se não o amor, que justamente por isso existe antes de tudo, e permanece depois que tudo acabou”.<sup>103</sup>

Se a religião conduz o ser humano para o amor e se tudo que se faz por amor é religioso, eis então, uma grande importância dela para existência individual, coletiva e social. Pois, se todos os seres humanos amassem uns aos outros, como pede o Senhor Jesus Cristo, o mundo seria bem melhor e não haveria tanta violência, roubo, desonestidade e a perda dos valores religiosos, familiares, éticos e morais, como se tem hoje.

Depois de compreendermos os dois primeiros estágios da existência humana, o estético e ético; sendo o primeiro representado pelo jovem adolescente sem grandes compromissos e quase nada de responsabilidade e o segundo, representado pela pessoa ainda jovem, mas madura e responsável, no tópico seguinte, tratar-se-á do ser humano religioso no terceiro estágio de sua existência, que é de fato o equilíbrio entre os dois estágios anteriores.

### 2.3 Estágio religioso

*O movimento não vai da simplicidade para o interessante, mas do interessante para a simplicidade, para tornar-se cristão: aqui se situa o “Post-scriptum definitivo”, o ponto crítico de toda obra que põe “o problema” e que, por outro lado, graças a uma esgrima indireta e a uma dialética socrática fere de morte “o Sistema” pelas costas, numa luta contra o sistema e a especulação, a fim de que “o caminho” não vá do simples torna-se cristão ao Sistema e à especulação, mas destes, regredindo ao simples tornar-se*

<sup>102</sup> FARAGO, 2006, p. 126.

<sup>103</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 20. (As obras do amor)

*cristão, numa luta em que o "Post-scriptum" se bate com duros golpes para encontra um caminho de retorno.*<sup>104</sup>

Este estágio é visto de dois modos, porque é constituído por duas fases na formação da pessoa religiosa. Na primeira fase, o homem (ser humano, a pessoa) dominado pela angústia, pela desorientação e o sofrimento, entra em desespero, e não sabendo como sair dessa situação se lança para o transcendente.

No estágio ético, a pessoa resolvía tudo racionalmente e por isso, em seu isolamento se achava autossuficiente e ainda não havia precisado de Deus. Mas como na vida nem tudo é só lógica e razão, existe momentos que não tem como ser resolvidos com a lógica, nem podem ser compreendidos pela lógica da racionalidade. Esses momentos são aqueles que o ser humano depara-se com a dor da perda de um ente querido, o sofrimento de uma doença incurável, a desorientação pela perda de sentido da vida, a angústia de preencher um vazio inteiro e o desejo de querer conhecer a si mesmo; assim como a angústia que leva ao desespero, quando pais e mães não tem o que vestir, nem o que oferecer para saciar a fome de um filho ainda criança, que chora de estômago vazio; também não é diferente com a crise econômica no país, que leva muitos pais, esposas, esposos, filhos e filhas a perderem seus empregos.

Aqui fica o alerta kierkegaardiano: "se a gente se esqueceu do que é existir religiosamente, decerto também se esqueceu do que é existir humanamente; essa questão também precisaria ser levantada".<sup>105</sup>

É diante das limitações físicas, lógicas, racionais e existenciais, que a pessoa passa do estágio estético para ético, do estágio ético para o estágio religioso, em que se lança nos braços do transcendente. E ao se lançar, ele descobre o amor de Deus e nesse amor, encontra tudo o que procurava em seu desespero e peregrinação no labirinto do nada, por isso sua felicidade é tamanha, que não se cansará de louvar pelas infindáveis sabedorias que trazem os desígnios de Deus.

Eis o motivo pelo qual - diz Ele - minha Voz se elevará no júbilo, mais forte que a voz da mulher que deu à luz, mais forte que o grito de alegria dos anjos por um pecador que se arrepende mais alegre que o canto dos pássaros ao raiar do dia: pois o que eu procurei, achei; e mesmo que os

<sup>104</sup> PAULA, Marcio Gimenes de. *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard*. – São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Filosofia)

<sup>105</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 262. (Pós-escrito às Migalhas filosóficas)

homens me arrebatassem tudo, mesmo que me excluísse de sua sociedade, eu conservaria mesmo assim esta alegria; ainda que me tomassem tudo de volta, conservaria sempre a melhor parte, o espanto repleto de felicidade que nos trazem o amor infinito de Deus e a sabedoria dos seus desígnios.<sup>106</sup>

É somente nesse estágio que o homem (ser humano, a pessoa) vive além dos prazeres imediatos e das prisões estéticas dos impulsos sentimentais, assim como também, além do ético observador, lógico, racional que se isolava no seu próprio ego de autonomia e superioridade de sujeito ético-ideal.

No estágio estético, o homem (ser humano, a pessoa) não se encontra com Deus nem mesmo com seu eu. Já no ético, ele se descobre como um ser moral e que ama, mas ainda não se encontra com Deus porque acredita não precisar d'Ele. Já no estágio religioso, o homem (ser humano, a pessoa) encontra-se com Deus e consigo mesmo, encontrando Deus, o homem (ser humano, a pessoa) se agarra a Ele e O tem como suporte para toda a sua existência. “Uma relação desse modo derivada ou estabelecida é o eu do homem (ser humano, a pessoa), é uma relação que não é apenas consigo próprio, mas com outrem. Daí provém que haja duas formas do verdadeiro desespero”.<sup>107</sup>

Na segunda fase desse estágio, o homem (ser humano, a pessoa) descobre o perdão de Deus; descobre o verdadeiro bem, ou seja, se encontra com Deus e se comunica com Ele; se encontrando com Deus, ele se encontra com a luz, que ilumina as trevas e mostra uma chama de esperança a todos os problemas existenciais de sua vida e seu ser. Afinal, se Deus está com ele, quem estará ou ficará contra ele? Parafrazeando o Apóstolo Paulo em sua Segunda Carta aos Coríntios: “é agora o momento favorável, é agora o tempo da salvação” (2 Cor 6,2).

Nessa segunda fase do estágio religioso é que ocorre o amadurecimento da pessoa religiosa, assim como sua conscientização diante do chamado do Senhor que diz: “voltai para mim com todo o vosso coração, com jejuns, lágrimas e gemidos; rasgai o coração, e não as vestes; e voltai para o Senhor, vosso Deus; ele é benigno e compassivo, paciente e cheio de misericórdia, inclinado a perdoar o castigo” (Jl 2,12-13). Nesse amadurecimento e conscientização, o homem (ser humano, a pessoa) caminha com Deus; e caminhando com Deus, ele entra na verdadeira religião, que é um paradoxo existencial, já que o pecador passa a caminhar com o

<sup>106</sup> KIERKEGAARD, 2006, p. 127.

<sup>107</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 195.



santo; a escuridão com a luz; o finito com o infinito; o fraco com o forte; o perfeito com o imperfeito, a força com a fraqueza e o ser humano com Deus. Mas, quem junta às duas oposições é a fé; é ela que leva o homem para além de sua razão. Como diz Soren Kierkegaard, em *Temor e Tremor*: “(...) a dialética da fé é a mais sutil e notável entre todas; possui uma elevação da qual eu posso fazer uma ideia, porém nada mais que isso”.<sup>108</sup> É que pela razão não tem como compreender a lógica da fé, muito menos compreender o paradoxo da transformação religiosa, a qual faz no mesmo ser, morrer o ser humano velho e nascer um ser humano novo.

“A fé está aqui inscrita no coração do homem (do ser humano, da pessoa) em que aquele que ela anima é propriamente criado como sujeito, recriado, libertado. A fé constitui a obra de Deus no homem”.<sup>109</sup> É somente no estágio religioso, que o indivíduo toma consciência de sua eternidade, do seu amor e primordialmente, toma consciência do amor para com Deus, “porque a consciência da minha eternidade, diz o religioso, é meu amor para com Deus e esse amor é tudo para mim”.<sup>110</sup>

A essência da religião é divina, é o próprio Deus, mas o protótipo do religioso é a fé. É pela fé que o religioso abre mão de tudo que ama, para estar com Deus e resignar-se diante d’Ele. Pela fé o religioso nada perde tudo alcança e confia. A pessoa religiosa não precisa de fé para renunciar tudo, mas, sim, precisa de fé para tudo receber.

Diz-se que é preciso de fé para renunciar tudo; torna-se vulgar ouvir, o que é ainda mais singular, pessoas a lamentarem-se por ter perdido a fé, e, quando alguém procura averiguar que grau da escala alcançaram, verifica-se com espanto, que pararam, precisamente, ao ponto em que devem realizar o movimento infinito da resignação.<sup>111</sup>

Do amadurecimento religioso até a sua morte neste estágio, o homem deve estar sempre fazendo o movimento da fé. Quando uma pessoa religiosa diz que não consegue fazer ou superar algo por não ter fé, ela está se acovardando perante o seu problema e impossibilitando o infinito do absoluto, que é Deus, já que para Deus tudo é possível e com ele a pessoa não perde nada, tudo ganha. Se para Deus tudo é possível, é lógico que também para Ele nada é impossível; Deus tudo pode e se

<sup>108</sup> KIERKEGAARD, 2008, p. 12 (*Temor e Tremor*)

<sup>109</sup> FARAGO, 2006, p. 158.

<sup>110</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 137.

<sup>111</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 137.

assim Ele quiser e a pessoa for merecedora, ela tudo supera. Deus realiza as pessoas abundantemente muito mais do que elas pedem. Como diz o dinamarquês Kierkegaard: “Pela fé, nada renuncio; pelo contrário, tudo recebo, e, o que é mais notável, no sentido atribuído aquele que possui tanta fé como um grão de mostarda, porque então poderá transportar montanhas”.<sup>112</sup>

Para Kierkegaard, é preciso uma coragem puramente humana para renunciar toda a temporalidade e ganhar a eternidade, porque a fé é uma conquista. Porém torna-se indispensável à humilde coragem do paradoxo para alcançar então toda a temporalidade em virtude do absoluto, e essa coragem só se dá pela fé. Já que a “(...) própria fé é um milagre, e tudo que vale para o paradoxo, vale também para fé”.<sup>113</sup>

Por ela, a fé, Abraão não renuncia o seu filho da promessa; por ela, ao contrário, obteve Isaac. Todavia, o grande problema reside na temporalidade do finito e no não se lançar ao absoluto e encontrar paz na dor e tranquilidade no amor infinito de Deus. É por essa dificuldade que muitos querem racionalizar a fé e compreender Deus na lógica humana, para só assim decidir segui-lo após receber um sinal esquecendo o mais importante nele e para ele, que é o triunfo do seu amor para com Deus e não a felicidade terrestre.

Todo o problema reside na temporalidade, no finito. Posso, graças as minhas forças, renunciar a tudo e encontrar a paz e o repouso na dor. Posso enfim, a tudo condenar-me: mesmo se o cruel demônio, mais terrível que a morte, terror dos homens, mesmo que a loucura surgisse aos olhos no seu traje de bufão e me fizesse compreender pelo aspecto que me era chegada a vez de o vestir, podia ainda salvar a alma, se por venturas mais importasse em mim o triunfo do meu amor para com Deus do que a felicidade terrestre. Um homem pode ainda, nesse derradeiro momento, concentrar toda a sua alma num único olhar para o céu, donde emana todo o dom perfeito, e esse olhar será compreendido por ele e por aquele que procura como sinal de que permanece, apesar de tudo, fiel ao seu amor. Vestirá tranquilamente o traje da loucura. A alma, assim despida desse romantismo, vendeu-se, quer tenha sido pelo preço dum reino quer por uma miserável moeda de prata.<sup>114</sup>

A religião é confiança, é entregar-se a Deus e caminhar com Ele numa conexão oposta à lógica, em que Deus se manifesta aos fracos e ignorantes para confundir os fortes e inteligentes, em que perder tudo pela fé é ganhar tudo em Deus

<sup>112</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 137.

<sup>113</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Migalhas filosóficas ou bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Trad. Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 3. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 91.

<sup>114</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 137.

e morrer para o mundo é viver eternamente no céu. Nesta vida religiosa não se pode filosofar, não se pode julgar, pois a vida religiosa escapa de nossa razão; o estar com Deus é algo que não se testemunha, mas que se vivência. A religião não pode ser um corpo de doutrina, mas uma vivência, uma experiência particular, ou uma convivência do transcendente com o imanente, do temporal com o eterno, do pecador com o santo e de Deus com o ser humano.

É pela vida religiosa, que o ser humano e Deus constroem pontes entre céu e terra, terra e mar, pessoa a pessoa, coração a coração, corpo e alma. É por ela, que Deus se manifesta ao homem e o homem a Deus. É também por ela, que o ser humano se torna grande e maior que tudo, pois nada é maior e melhor do que amar a Deus.

Nada será perdido daqueles que foram grandes; cada qual à sua maneira e conforme a grandeza do objeto que amou. Pois aquele se amou a si mesmo foi grande por sua pessoa; quem amou a outra pessoa foi grande porque se deu; porém aquele que amou a Deus foi o maior do que todos.<sup>115</sup>

Logo, nos três estágios da existência humana, o religioso é o maior e mais importante de todos; pois além de ser um estágio de equilíbrio entre eles, a grandeza e o objeto de amor do ser humano religioso é o maior e mais importante de todos. No estágio estético, a pessoa esteta é grande no amor a si mesma e por isso vive hedonisticamente de prazeres a si mesma, vive apenas no prazer do instante como sedutor.

Já a pessoa ética é grande por se dar a outra pessoa em amor, mas é uma grandeza insuficiente por não conseguir sair do regramento da vida, pela busca de viver segundo a lei moral e pelas leis aceitas pela sociedade em que se vive. Assim, a pessoa no estágio ético vive em uma espécie de conformação no histórico-universal.

No ético, "(...) a ética era o compromisso no mundo, um compromisso sério, mas sempre no mundo, na família, na sociedade; aqui a ética é o compromisso do indivíduo diante de Deus, é um momento que se desenvolve totalmente na interioridade".<sup>116</sup>

---

<sup>115</sup> KIERKEGAARD, 2008, p. 12. (Temor e Tremor)

<sup>116</sup> ROVIGHI, 2011, p. 116.

A pessoa no estágio religioso é maior que todos por que ama Deus, e aqui ela não pode ser alcançada por nenhuma certeza ou justificativa racional, mas sim pelo absurdo da fé, em que ele escolhe lançar-se nos braços de Deus, para um encontro solitário com Ele. “A história festejará os grandes homens, porém cada qual foi grande pelo objeto de sua esperança – porém aquele que desejou atingir o impossível foi o de todos; o maior”.<sup>117</sup> Da mesma forma, as grandes pessoas ficarão na memória de seus vindouros e serão lembradas com honra e glória como os antepassados, pela importância do que combateram. “Porém aquele que combateu contra Deus foi o maior de todos”.<sup>118</sup>

Explicar a evolução, o crescimento e o amadurecimento do ser humano nos estágios existenciais, não é tão complexo quanto querer explicar e entender racionalmente o paradoxo da vida religiosa ou da religiosidade paradoxal no sentido estrito do ser religioso.

A questão se torna bem mais difícil quando se quer perguntar sobre a religiosidade no sentido mais estrito, no qual a explicação não pode consistir em conseguir efetuar de maneira imanente a infinitização, mas em torna-se consciente do paradoxo, e a cada momento manter o paradoxo e, mais do que tudo, em temer, mais que qualquer outra coisa, uma explicação que deixasse fora o paradoxo, porque o paradoxo não é uma forma transitória de relação do religioso, no sentido mais estrito, para com o existente; mas é essencialmente condicionado pelo fato de este ser um existente, de modo que qualquer explicação que põe de lado o paradoxo, ao mesmo tempo, fantásticamente, transforma o existente em algo fantástico que não pertence nem ao tempo nem à eternidade, mas algo assim não é um ser humano.<sup>119</sup>

Como já foi muito bem esclarecido acima, no ponto 1.2<sup>120</sup>, do primeiro capítulo, a experiência religiosa é uma “bem-aventurança eterna”, na qual sentir é tudo e a explicação é nada. A explicação religiosa reúne as pessoas, mas só a experiência do sentir religioso pode transformá-las. No estágio religioso, o ser humano entra na infinitização do transcendente, do divino e do amor incomensurável e eterno. Mas sempre consciente do paradoxo, “porque o paradoxo não é uma forma transitória de relação do religioso, no sentido mais estrito, para com o existente; mas é essencialmente condicionado pelo fato de este ser um existente”.<sup>121</sup> Ou seja, tudo que vem de Deus são graça e benção e o fato de existir como um ser religioso

<sup>117</sup> KIERKEGAARD, 2008, p. 12. (Temor e Tremor)

<sup>118</sup> KIERKEGAARD, 2008, p. 12. (Temor e Tremor)

<sup>119</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 190. (Pós-escrito às Migalhas filosóficas)

<sup>120</sup> Conferir capítulo 01 no tópico 1.2 A religião é comunicação.

<sup>121</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 190. (Pós-escrito às Migalhas filosóficas)

estando em Deus e Deus nele é a maior de todas as graças e bençãos que uma pessoa pode receber, afinal, Deus não precisa das pessoas, mas, sim são as pessoas que precisam D'ele. E o grande paradoxo da religiosidade se dá no fato do ser humano saber de suas limitações, imperfeições, fraquezas, pecados e egoísmos, mas, também em saber que, mesmo que Deus não precise do ser humano, Ele ama incomensuravelmente cada pessoa. Por isso, a comunicação religiosa efetua-se no sentir e não no falar. E falar da religião sem ter a experiência do sentir é como falar de luz tendo uma vida toda nas trevas; o máximo que se consegue é uma aproximação. Explicação religiosa sempre será pequena comparada com a experiência sagrada. Além do mais, é impossível racionalizar toda a religiosidade e expressão de fé de uma pessoa no terceiro estágio de sua existência. Aqui, não tem como ser um espectador da fé; pois ou você se lança nela e deixa ser conduzido pelo absurdo do paradoxo, ou você dá um salto para longe, e assim não fala mais nada sobre fé e continua sempre na pequenez. Pois é pela fé que o ser humano demonstra a sua grandeza incomensuravelmente.

A seguir, o terceiro capítulo fará uma abordagem sobre a religião como sendo o remédio para a doença mortal do ser humano, que se angustia, peca e se desespera, por ser o que não gostaria que fosse e por não poder ser o que gostaria de ser. Logo, a religião ainda será assunto de reflexão, leitura e interpretação em todo o capítulo seguinte.



### 3. A RELIGIÃO, O “REMÉDIO” PARA A DOENÇA MORTAL

*Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, (sendo de) costume dizer-se, enquanto há vida há esperança. Mas, para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e força.*<sup>122</sup>

A morte, na linguagem cristã de Kierkegaard, consiste justamente em uma espécie de desfazer-se das exigências ordinárias, que os tiram deles mesmos. Morrer, nesse sentido, seria pôr um fim a essas exigências. Isto porque, enquanto o indivíduo está preso a essas exigências, elas podem mesmo parecer necessárias, constitutivas do próprio ser, quando realmente, não o são.

O pensador dinamarquês, na sua obra *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano* da Coleção Os Pensadores de 1988, traz à tona a seguinte dialética: desespero é “(...) a doença e não o remédio;” “morrer para o mundo é o remédio”.<sup>123</sup> É como se ele compreendesse que todos os seres humanos são desesperados e o único remédio para isso é morrer para o mundo. Pois, enquanto desesperados, as pessoas morrem aos poucos, e já enquanto religioso, cristão e pessoa de fé, elas morrem de uma só vez, o que liberta para ser elas mesmas.

O homem natural pode enumerar à vontade tudo o que é horrível – e tudo esgotar, o cristão ri-se da soma, (...) o homem natural treme do que não é horrível (...), o cristão é o único que conhece a doença mortal e a lição horrível do cristão está em ter aprendido a conhecer a doença mortal.<sup>124</sup>

Isso causa no ser humano muita angústia, mas a vida humana é movida pela angústia, angústia essa que se inicia no momento da fecundação e só termina com a morte, afinal, são milhões de espermatozoides para fecundar um óvulo e apenas um consegue, e conseguindo, terá de esperar nove angustiantes meses até nascer. Nascendo se angustiará com o primeiro choro do oxigênio queimando os pulmões. Daí em diante sua existência toda é movida pela angústia, que se não for

---

<sup>122</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 191.

<sup>123</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 190.

<sup>124</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 197.

sendo significada, poderá levar ao desespero e do desespero a depressão e da depressão a morte.

Aqui, neste capítulo, o enfoque será apenas a doença mortal do ser humano que é o desespero, ou a possibilidade de se desesperar. Segundo o pensamento de Kierkegaard, todo ser humano está condenado a uma doença mortal, que ele chama de doença do espírito, do eu, já que a própria existência do ser humano traz em si a patologia do desespero que só termina com a morte. “O homem é uma síntese de finito e de infinito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade”.<sup>125</sup>

Ora, o ser humano não é uma relação dialética de tese, antítese e síntese. Ele também não é a tese, nem muito menos a antítese. Ele é uma síntese de sua dualidade existencial. O eu, por ser uma síntese dual angustia-se e desespera-se.

E o desespero é a doença mortal de cada ser humano, pelo fato de ser humano e divino, temporal e eterno, seres constituídos de duas dimensões existências numa só existência, sobre as quais não tem total posse nem absoluto controle. Mesmo essas duas dimensões estando no eu e o eu sendo uma síntese dessa relação, o eu de cada indivíduo não consegue ser o eu que está nele<sup>126</sup>; o eu existe sempre num desespero. “O desespero inconsciente de ter um eu (o que é verdadeiramente desespero); o desespero que não quer, e o desespero que quer ser ele próprio”.<sup>127</sup>

O ser humano é um pouco menor que Deus e maior que os anjos, mas nem é Deus nem muito menos anjo, mas “que é o homem “Deus”, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para vires visitá-los? O fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza” (Sl 8, 5-6).

Eis aqui o desespero do homem: ser o que é não querendo ser, e não poder ser o que gostaria de ser.

Sabemos que somos seres finitos na matéria, que nosso corpo se destruirá debaixo da terra, mas nos desesperamos pelo fato de imaginar como será nossa vida após essa grande doença mortal. Não temos consciência que somos seres espirituais e não somente um ser físico-psíquico. Essa dimensão espiritual de que somos dotados nos é misteriosa e sem explicação, daí provém o nosso desespero por não sabermos que existe esse “eu”. Por outro lado, se temos consciência que somos seres físico-psíquico e espiritual, não conseguimos aceitar o nosso “eu”. É quando nos

<sup>125</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 195.

<sup>126</sup> Relação entre ser real e ser ideal.

<sup>127</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 195.



damos conta de que somos seres ambiciosos, mentirosos, maldosos, ciumentos e destruidores, mas não admitimos ser assim. A partir daí, por não aceitarmos sermos seres tão imperfeitos e não conseguimos tolerar a nós mesmo, não aceitamos o nosso próprio “eu” e acabamos por nos desesperar e muitas vezes bloquear as fronteiras de nosso *self*, causando somatizações, angústia, desespero e os mais variados transtornos psíquicos.<sup>128</sup>

É exatamente nas somatizações do eu que a religião é comunicação de existência humana. “O desespero está, portanto em nós (no ser humano, na pessoa); mas se não fossemos uma síntese, não poderíamos desesperar, e tampouco o poderíamos se esta síntese não tivesse recebido de Deus, ao nascer a sua firmeza”.<sup>129</sup>

É no desespero do possível, diante do infinito, que a fé em Deus é o remédio contra a doença do desespero, pois Deus pode a todo instante tudo. É na fé que o ser humano resgata sua relação com Deus, realiza a síntese entre o finito e infinito, sem os quais o “eu” não se torna si próprio.

Isso porque, o ser humano é a criatura predileta de Deus que sendo uma síntese do temporal e do eterno, do infinito e do finito, de divino e do humano, se desespera por ser o que é não querendo ser, também se desespera por querer ser um deus ou um anjo e não poder ser, se desespera por ser tão grande e tão pequeno, enfim, se desespera por não saber como ser e viver como um verdadeiro ser humano.

O desespero em Kierkegaard é o não esperar mais nada. E esse desespero pode ser pensado e levado em consideração às pequenas angústias que no decorrer da existência são somadas e multiplicadas tornando-se grandes a ponto de levar o ser humano ao desespero. Estando no desespero a vida passa por uma perda de sentido, na qual não há mais lugar para o prazer estético, nem para a conduta ética; o que resta é apenas uma luz de esperança e confiança religiosa. “Deriva isso de ser o desespero uma categoria do espírito, que no homem diz respeito a sua eternidade”.<sup>130</sup>

É pela religião que o ser humano se comunica com Deus e Deus com o ser humano, e são muitas as maneiras de comunicação do ser religioso para com Deus.

<sup>128</sup> CRISTINA, Ana. *O “Silêncio” materno: como a relação mãe-bebê repercute na constituição da subjetividade*, 2011. p. 30. (Monografia, apresentada e defendida no curso de Bacharel em Psicologia pela UNAMA).

<sup>129</sup> KIERKEGAARD, 1988, p.197.

<sup>130</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 198.

Os Círios, os cânticos litúrgicos, as preces, os terços meditados e os cultos dominicais, são expressões ativas da existência humana.

A fé existe e é a conexão do ser humano com Deus. A crença é a abertura da possibilidade e tudo é possível somente a Deus. O “eu” volta para si mesmo quando enfrenta o desespero do possível repousando sua fé em Deus, que tudo pode. No encontro com Deus o ser humano realiza sua síntese e pode tornar-se a si mesmo.

Desesperar é não esperar mais em nada, é a perda da esperança e a ausência de sentido pela vida, é a corrida do tempo em velocidade para a morte, pois na angústia o ser humano busca saída para as dificuldades da vida, mas no desespero a solução que se busca é quase sempre a retirada da vida. Porém, desesperar-se em Kierkegaard não é somente sinônimo de fraqueza ou inferioridade, mas de superioridade e diversificação. Pois quando o ser humano se desespera ele se diversifica dos outros animais, já que o ser humano é o único ser vivente na terra que desespera. “Isto é para mim de importância, pois não é possível saber o que pode um homem (um ser humano), no seu desespero cair em arriscar”.<sup>131</sup>

O homem religioso ao se desesperar é superior ao homem natural, pois busca em Deus suporte para a cura de seu desespero, tendo consciência de sua beatitude. Como diz Soren: “A superioridade do homem sobre o animal está, pois, em ser suscetível de desespero a do Cristão sobre o homem natural em sê-lo com consciência, assim como a sua beatitude está em curar-se”.<sup>132</sup>

*Ética e religião são comunicação de existência humana*, porque é por meio delas que o “eu” busca refúgio nos desamparos, busca cura para as doenças físicas, sociais, morais, mentais e espirituais. Afinal, os templos sagrados de hoje são comparados com grandes hospitais espirituais, pois estão todos cheios de “fiéis pacientes” com os mais diversos tipos de doenças, e todos em Deus, buscam cura para as suas enfermidades. E quanto maior for a oferta de cura e de milagres; maior será o número de fiéis pacientes à espera de cura e milagres para seus desesperos existenciais.

---

<sup>131</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 384. (Ou – Ou. Um Fragmento de Vida).

<sup>132</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 197.

Os templos sagrados são comparados também como grutas subterrâneas de segurança, onde as pessoas buscam refúgio e amparo no sagrado. Pois é na presença de Deus, que muitas delas encontram paz e segurança e cura espiritual da doença mortal do eu, neste mundo que está cada vez mais violento e desumano. Tanto nos canais de TV, quanto nas revistas e jornais, o que mais se lê e vê, são: roubo, tráfico, prostituição e morte das várias formas, pois a humanidade vive numa sociedade em que a existência das pessoas é desvalorizada, descartável e invisível, o que faz, com que se viva numa solidão no meio da multidão.

Os nossos tempos possuem, com efeito, algo que é próprio face a esse tempo na Grécia, os nossos tempos são designadamente mais melancólicos, e, por isso, tem um desespero mais profundo. Os nossos tempos são assim suficientemente melancólicos para saberem que existe algo chamado responsabilidade, e que a responsabilidade tem algo para significar.<sup>133</sup>

O ser humano vive num mundo, em que se não fosse a *Ética e a Religião como Comunicação de Existência Humana*, muitas pessoas suicidar-se-iam em desespero devido aos extermínios desumanos da sociedade, que hoje valoriza mais o ter do que o ser; valoriza mais o objeto do que os sujeitos. Hoje, não se planta mais o amor, o diálogo, o companheirismo, a fraternidade e a solidariedade, mas o pragmatismo e o individualismo gerador de desespero e assim, o desespero vai apanhando cada vez mais desespero, e o “eu” na soma de seu desespero tem uma perda de significado da vida, em que entrando em depressão pode ceifar a vida.

Esse tempo contemporâneo faz com que o eu passe por uma discordância da relação de sua síntese, que poderá acabar em suicídio, já que, assim como disse Kierkegaard, o desespero só traz desespero.

Cada um dos seus instantes reais é redutível a sua possibilidade; cada momento de desespero se apanha o desespero; o presente constantemente se desenvolve e desvanece em passado real, a cada instante real do desespero o desesperado contém todo o passado possível como se fosse presente [...], em cada instante que desesperamos apanhamos o desespero.<sup>134</sup>

*Ética e religião é comunicação de existência humana*, porque em todos os momentos de angústia e desespero, ela dá uma luz, uma esperança, um sentido e significado para toda a existência do eu. Enquanto que no desespero o eu, não

<sup>133</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 178 (Ou – Ou. Um Fragmento de Vida).

<sup>134</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 198.

espera mais em nada e em ninguém, na religião o eu, sempre espera e confia em Deus.

O fato de a consciência estar diante de Deus faz com que o “eu” torne a si e, quanto mais o “eu” torna a si, mais se tem consciência de Deus. É diferente do não cristão que peca porque ignora desesperadamente estar diante de Deus. Ora, por ter cada vez mais consciência de estar diante de Deus o “eu” perde-se de si mesmo, e percebe que não pode fazer nada para a sua salvação. É exatamente quando o “eu” perde a si mesmo que ele ganha a si mesmo.

Em Kierkegaard, o desespero é a doença mortal do eu, porém, estar mortalmente doente não significa estar condenado à morte, mas a impossibilidade de morrer, o que aumenta ainda mais o desespero mortal do ser humano. “Assim estar mortalmente doente é não poder morrer, mas neste caso a vida não permite esperança e a desesperança é a impossibilidade da última esperança, impossibilidade de morrer”.<sup>135</sup>

Se a morte for pensada apenas na angústia como a única certeza da existência humana, a certeza de que todos e todas morrerão e que não devem se desesperar; postura que poucos têm diante dela, a morte será vista como perigo e haverá confiança na vida. “Enquanto ela é o supremo risco, temos confiança na vida, diz Kierkegaard, mas quando se descobre o infinito do outro perigo, tem-se confiança na morte”.<sup>136</sup> É que quando nada mais tem sentido para a existência do “eu”, a única esperança é a esperança da morte, “(...) e quando o perigo cresce a ponto de a morte se tornar esperança, ratifica Kierkegaard, o desespero é o desesperar de nem sequer poder morrer”.<sup>137</sup>

Na existência do “eu” o desespero é a doença mortal, que só terá fim com a morte. Porém, na eterna enfermidade do eu, o eu morre sem, todavia morrer; essa doença é mortal, porque em vez do eu morrer quem morre é a morte. “Porque morrer significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a morte, e vivê-la um só instante, é vivê-la eternamente”.<sup>138</sup>

---

<sup>135</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 199.

<sup>136</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 199.

<sup>137</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 199.

<sup>138</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 199.

Esse desespero, filosoficamente pensado e sistematizado pelo filósofo religioso e existencialista, é uma realidade existencial de todo ser humano que se desespera, porém é vivida e comprovada na prática na contemporaneidade, pelos mais necessitados, que não têm o que comer, nem onde dormir; como os moradores de ruas e as crianças abandonadas.

É a experiência também vivida de uma esposa que é traída pelo seu marido. Ela viveu muitos anos ao seu lado, construiu família e, de repente, se vê trocada por outra mais jovem, ou até mesmo com menos valores do que ela, que é esposa e mãe. Pode ser visto também nesse desespero, a situação de um pai, que não tem um emprego e não tem como pagar as dívidas e nem como pagar um plano de saúde para não morrer nos corredores dos hospitais públicos. Todas essas situações são desesperadoras. É como diz Kierkegaard: “(...) no desespero, o morrer continuamente se transforma em viver”.<sup>139</sup> Pois morre a esperança, cresce o desespero e sobrevive na desesperança; nessas situações morrer é viver desesperadamente.

Os problemas, as crises ou a situação crítica que se vive na existência humana, não são ainda o desespero do eu, mas são como um vulcão que se aquece por dentro para entrar em erupção. “Desesperar dum coisa não é ainda por consequência, verdadeiro desespero é o seu início: estar latente, como os médicos e as médicas dizem de uma enfermidade. Depois declara o desespero: desespera de si próprio”.<sup>140</sup>

*Ética e religião é comunicação de existência humana*, pelo fato de o desespero estar no homem (ser humano) e se relacionando com a morte, mas o homem (ser humano) não se relaciona com ela e sim com Deus. Deus é a essência da religião; ele criou todas as coisas para que elas existissem e não se devastassem com a morte. “Deus não fez a morte nem tem prazer com a destruição dos vivos. Ele criou todas as coisas para existirem” (Sb 1,13 -14).

Para Kierkegaard, “(...) a ausência de desespero não equivale à ausência de um mal; porque segundo ele, não estar doente não significa que o sejamos, mas não estar desesperado pode ser o próprio indício de que o somos”.<sup>141</sup> Uma coisa é a

---

<sup>139</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 199.

<sup>140</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 200.

<sup>141</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 204.

pessoa se desesperar e outra coisa é a pessoa se dar conta de seu desespero. Afinal, todo ser humano se desespera, porém, alguns conseguem superar o desespero buscando uma cura para a sua doença considerada “mortal”, sem ter que esperar e passar pela morte; outros não! Alguns não se dão conta de seu desespero, pelo simples fato de não se considerarem ou se julgarem desesperados e assim, acabam morrendo.

O homem que sem excitação afirma seu desespero não está tão longe da cura, está mesmo mais próximo do que todos aqueles que não são considerados e não se julgam desesperados.<sup>142</sup>

Qualquer situação, problema, angústia ou desespero é muito mais fácil de resolver quando o sujeito assume e reconhece-se angustiado ou desesperado. E são nessas situações de angústia, sofrimento e desespero, que as pessoas buscam em Deus um refúgio e alívio e é Ele, em sua infinita misericórdia e amor, quem ampara, conforta e alivia todo desespero humano. Nas situações desesperadoras do ser humano, quando ele não tem mais em que buscar força e torna-se impotente diante do desespero, ele se lança ao sagrado pela religião e busca amparo na suprema bondade de Deus. “Disto só à fé é capaz, pois só a fé é na síntese possível, eternamente e a cada momento”.<sup>143</sup>

O desespero é a doença que Kierkegaard sistematizou e que marca a fundo a consciência do cristão, pois no desespero a pessoa pode pecar perante Deus. Por que no desespero, a pessoa pode querer ser “Tese” e sendo uma tese, ela passa agir como sendo maior do que Deus, submetendo Deus sobre a sua vontade, seus desejos e caprichos; aqui a pessoa não pede o auxílio de Deus e sim, ordena que Deus realize sua vontade e se não for atendido em seu desejo e em sua vontade, rompe com Deus, tornando-se uma “Antítese” e sendo antítese passará a desconsiderar a Deus e a ignorá-lo em sua vida sendo um combatente da fé, um descrente, um incrédulo ou como muitos, em sua antítese, passam a ser ateus. Dessa maneira, quer desconfigurar o sentido de sua existência que é uma “Síntese de Deus”. “Pecamos quando, perante Deus ou com a ideia de Deus, desesperados, não queremos, ou queremos ser nós próprios”.<sup>144</sup> O eu e Deus estão interligados; o eu não é somente humano, mas não é também totalmente divino. É uma síntese da ideia de Deus.

<sup>142</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 205.

<sup>143</sup> KIERKEGAARD, 2013, p.123. (O conceito de Angústia)

<sup>144</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 239.

O eu aumenta com a ideia de Deus, reciprocamente a ideia de Deus aumenta com o eu. Só a consciência de estar perante Deus faz do nosso eu concreto, individual, um eu infinito; e é esse eu infinito que então peca perante Deus.<sup>145</sup>

Quanto mais o eu crer em Deus, mais o eu aumenta e junto com o crescimento do eu, cresce também o desejo de mergulhar-se em Deus. “Ora crer, é: sendo nós próprios e querendo sê-lo, mergulha em Deus através da sua própria transparência”.<sup>146</sup> O problema é que, para enxergar essa verdade em sua radical necessidade, faz-se necessária levar à morte tudo aquilo que insiste em dizer que eis um algo em específico uma síntese. E nesse sentido o filósofo dinamarquês aponta como sendo o caminho próprio da salvação o aforismo socrático “Conhece-te a ti mesmo”.

Para Kierkegaard, “a fé é uma das definições capitais do Cristianismo é que o contrário do pecado não é a virtude, mas sim a fé”.<sup>147</sup> Esse pensamento do filósofo pode ser fundamentado para os Cristãos na Sagrada Escritura, que diz na epístola aos Romanos 14, 23: “tudo o que não provém da fé é pecado” (Rm14, 23).

A maior parte das doenças e das maldades do ser humano é a falta de dedicação ao espírito. O homem em busca de sua realização não deve se distanciar de Deus, pois, o distanciar-se de Deus minimiza o ser humano e é em Deus que o homem deve se lançar e buscar o preenchimento de sua necessidade. Mas como diz Kierkegaard, “(...) é certo que, nos nossos dias, é um crime dedicar-se ao espírito, e nada tem de extraordinário, portanto, que os amantes da solidão sejam postos ao lado dos criminosos”.<sup>148</sup>

Kierkegaard sendo um filósofo existencialista pensou o homem através de sua própria existência em todas as suas dimensões, vendo-o como um ser frágil, que tem sentimentos como: ciúme, inveja, egoísmo, raiva, mas que também tem sentimento de amor. Por isso, todos os homens e todas as mulheres, independente de suas qualidades ou defeitos, status ou raças, todos e todas estão perante Deus. A religião tornou-se comunicação de existência humana, quando o próprio Deus se tornou humano na pessoa de Jesus Cristo, Ele se ofereceu e continua se oferecendo como remédio salvífico para os doentes do corpo e do espírito. Com a

<sup>145</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 242.

<sup>146</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 243.

<sup>147</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 243.

<sup>148</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 230.

encarnação de Cristo, Deus dá uma lição à humanidade. Todos existem perante Deus e podem se comunicar com Ele com a certeza de que Ele vai os escutar.

A lição que Ele dá é que esse indivíduo, como qualquer indivíduo, seja ele qual for, marido, mulher, criança, ministro, ministra, negociante, barbeiro, etc. é que esse indivíduo existe perante Deus, esse indivíduo que por ventura, se orgulharia de ter uma vez em toda a sua vida falado ao rei, esse mesmo homem, que seria já alguém pelo seu comércio amistoso com este ou aquele, esse homem está perante Deus, pode falar com Deus quando quiser, com a certeza de ser escutado, e a ele propõem viver na intimidade de Deus! Mas ainda: foi por esse homem, por ele também que Deus veio ao mundo, se deixou encarnar, sofreu e morreu; e é esse Deus de sofrimento que lhe roga e quase suplica que aceite o socorro, que é um oferecimento.<sup>149</sup>

É justamente essa certeza de estar perante Deus, conversar com Ele e Ele ouvir, que permite todo o significado da existência humana. A pessoa existe porque acredita como humano, mas crê como divino. Como diz Kierkegaard, “(...) compreender é do alcance do homem (ser humano), é a relação do homem (ser humano) com homem (ser humano). Mas crer é a relação do homem (ser humano) com o divino”.<sup>150</sup> O significado existencial da pessoa é a relação humana com o divino, é ela que os dá alegria, felicidade, paz e esperança de uma existência bem melhor.

Em Kierkegaard, a fé é a cura para o desespero, pois restabelece a síntese absurda entre o finito e o infinito, além de descobrir novas possibilidades promovendo a transformação do eu em si mesmo. Logo, a síntese entre finito e infinito se realiza a partir do momento em que o eu se percebe diante de Deus em desespero. E esse conhecer é tanto o caminho da salvação, quanto propriamente o elemento transcendente constitutivo de todo ser humano. Porque, sendo constitutiva da essência do ser humano, a transcendência acontece sempre, no entanto, poucos são aqueles e aquelas que conseguem estar sempre despertos para essa essência, restando-os a responsabilidade de fazer pesquisas como essa, para sempre lembrar-lhes disso, como o único remédio para a doença, que pode levar a morte, chamada desespero.

<sup>149</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 245.

<sup>150</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 252.



## CONCLUSÃO

*O modelo da ética cristã é a “ética narrada” na prática de Jesus. A ética cristã consiste em “seguir Jesus”. O seguimento de Jesus é o caminho que tem como meta a “construção do reino de Deus”. Na vida do cristão, a ética é a “mediação prática da fé”.<sup>151</sup>*

No percurso da exposição desta pesquisa foi possível analisar, pensar e compreender a ética e a religião como comunicação de existência humana, de forma a compreender o homem e a mulher como seres religiosos, por serem criados e criadas pelas mãos de Deus e serem a imagem e semelhança do seu Criador, o que faz do ser humano um ser ético por natureza. Ou seja, a essência humana é ética religiosa, já que, Deus sendo o Bem por excelência, tudo que Ele faz ou sai Dele também é bom. E o homem e a mulher, não só foram feitos por Ele, como também são a imagem e semelhança de Deus. Se para o Italiano Antonio Marchionni, a ética é a arte do bom e para Aristóteles ela é arte do bem e da vida feliz, entende-se a ética aqui como uma arte de Deus. Na criação do gênero humano pelo seu criador, todos os homens e mulheres se tornam seres religiosos, pois, “(...) do mesmo modo que formou o homem e a mulher também Deus formou o herói, a heroína, o poeta, a poetisa ou orador e oradora”.<sup>152</sup>

Em vista disso, o primeiro capítulo foi dedicado a fazer uma breve distinção do que seja ética, religião, comunicação e existência humana. Já que, muitas pessoas não sabem o que significam estes quatro conceitos para uma vida moral, ética, religiosa e existencial. Já no segundo capítulo, deu-se maior enfoque ao ser humano enquanto um ser religioso, pelo fato de ser criado a imagem e semelhança do seu criador e que passa por estagios existenciais antes de se reconhecer religioso. Logo, nem todo ser humano religioso é uma pessoa de fé. Não obstante, isso não significa que uma pessoa sem fé não seja religiosa. De fato, ela é religiosa por ser criada por Deus e ser a imagem e semelhança de seu criador; o que também faz de todo ser humano um ser ético religioso por natureza.

Ratifica-se que a abordagem feita no terceiro capítulo sobre a religião como sendo o “remédio” para a doença mortal do ser humano, segue o pensamento de

---

<sup>151</sup> VIDAL, Marciano. *Para conhecer a ética cristã*; tradução I.F.L. Ferreira; revisão Edson Graciano. – São Paulo: Edições Paulinas, 1993, p.11.

<sup>152</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 117.

Kierkegaard. Para esse filósofo dinamarquês, todo ser humano está condenado a uma doença mortal, que ele chama de doença do espírito do eu. E que a própria existência do ser humano traz em si a patologia do desespero que só termina com a morte. E é com a religião, assim como os valores éticos e morais, que o ser humano reconhece e busca sentido para uma nova e perfeita vida na eternidade após morte.

Por isso, a pessoa religiosa tem como dever e obrigação à vida ética e moral, muito mais do que o ser não religioso, já que, para o religioso, a vida não termina com a morte, mas é apenas uma nova etapa que se inicia no paraíso.

O ser humano não é ético religioso só por ser criado por Deus, mas por ser uma síntese de Deus e ser um ser dual de corpo e alma, de existência temporal e eterna.

Dado que o ser humano é uma síntese do temporal e do eterno, a felicidade da especulação que um especulante pode ter será uma ilusão, por que ele, no tempo, quer ser somente eterno. Aí reside a inverdade do especulante. Por isso, acima desta felicidade está o interesse infinito, apaixonado, pela própria felicidade eterna.<sup>153</sup>

Infelizmente, no mundo contemporâneo, há muito mais “especulantes” do que pessoas conscientemente éticas e religiosas. Mas sem a menor dúvida, uma pessoa moral, ética e religiosa é superior ao “especulante”: “Ele é superior precisamente porque é mais verdadeiro, porque expressa decididamente a sua síntese”.<sup>154</sup> Logo, o mínimo que se espera de um ser humano que expressa uma profissão de fé e se reconhece como um filho de Deus; um ser religioso, é que ele seja ético e viva por excelência sua vida moral, ética e religiosa. O ilógico é o indivíduo que expressa sua religiosidade em rituais, crenças e templos; se reconhecer como filho de Deus e viver o oposto daquilo que se espera e que faz parte da vontade de seu Criador; vontade esta, expressa nos Dez Mandamentos da Lei de Deus. Ora, a maior demonstração da eticidade religiosa é os Dez Mandamentos da Lei de Deus. Já que, todos os mandamentos só convidam a fazer o bem e evitar o mal ao próximo.<sup>155</sup> E o que é a ética se não um cuidar e um preocupar-se com o próximo?

<sup>153</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 61 (Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas).

<sup>154</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 61.

<sup>155</sup> Os Dez Mandamentos ou o Decálogo é o nome dado ao conjunto de leis que segundo a Bíblia, teriam sido originalmente escritos por Deus em tábuas de pedra e entregues ao profeta Moisés (as Tábuas da Lei). As tábuas de pedra originais foram quebradas, de modo que, segundo Êxodo 34:1, Deus teve de escrever outras. Encontramos primeiramente os Dez Mandamentos em Êxodo 20:2-17 e, depois, em Deuteronômio 5:6-21, usando palavras similares.

E para reforçar essa ideia, alguns artigos do Decálogo<sup>156</sup> de Moisés diz assim:

12- Honrar teu pai e tua mãe; para que se prolonguem os teus dias na terra que Iahweh teu Deus te deu. 13 – Não matarás. 14 – Não cometerás adultério. 15 – Não roubarás. 16 – Não apresentarás um falso testemunho contra o teu próximo. 17 – Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a sua mulher, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a seu próximo, Ex. 20,12-17.

Por fim, diante da contemporaneidade, do mundo febril que caracteriza a sua hiperatividade, conduzido pelo invasor processo de objetivação das ciências, da invasão do pensamento sistematizador, influenciado pela filosofia de Kierkegaard, foi possível resistir nas entrelinhas do pensamento Kierkegaardiano, que é plausível e necessário resgatar o valor da interioridade e subjetividade vivas. Presente-se o advento do desespero no próprio seio da consciência triunfante, pois em Kierkegaard, há um esforço para relacionar em termos de contemporaneidade a dialética da fé, certeza interior que antecipa o infinito, já que para Deus e com Deus tudo é possível e todo coração aberto e humilde ao Senhor favorece-se da graça divina.

Por isso, é necessário que a humanidade desperte de sua cegueira ética, moral e espiritual, para que vivendo a vida ética e espiritual, e assim tenham uma existência de alegria e felicidade. A cegueira ética-moral e espiritual é muito pior do que a cegueira física. Mas o mesmo Cristo que cura a cegueira física é o que cura a cegueira espiritual. E isso é confirmado pelo Apóstolo João, no capítulo 9 de seu Evangelho, no qual é narrando que “ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença”, e ao ser interrogado pelos seus discípulos sobre a culpa e pecado dos familiares do cego, Jesus, “cuspiu na terra, fez lama com a saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego e lhe disse: vai lavar-te na piscina de Siloé – que quer dizer Enviado. O cego foi lavado-se e voltou vendo claro” (Jo. 9, 1-6). Aquele cego de nascença que Jesus cura, pode enriquecer da graça, luz e misericórdia de Cristo. Pode alegrar-se com sua cura, física, mas também com sua cura espiritual. Ele tornou-se uma nova criatura, libertada, alegre, feliz e iluminada pelo Espírito. Portanto, todos são chamados por Cristo para que por meio dos sacramentos recebidos deixem passar a

<sup>156</sup> Decálogo significa "dez palavras", as palavras que resumem a Lei dada por Deus ao povo de Israel, no contexto da Aliança, por meio de Moisés. Este, ao apresentar os mandamentos do amor a Deus (os quatro primeiros) e ao próximo (os outros seis), traça, para o povo eleito e para cada um em particular, o caminho de uma vida liberta da escravidão do pecado.

luz, rompendo com as trevas, a cegueira física, espiritual, ética e moral, que escraviza e domina. Mas que em Cristo Jesus, o Ser Ético, Divino e Santo por excelência, todos encontram a luz e a liberdade verdadeira para sempre.

Hoje, a cegueira ética, moral e espiritual é desenvolvida pelo individualismo que não pensa no próximo, nem no bem comum, mas no egoísmo que escraviza os outros e a si mesmo. Também é desenvolvida pelo hedonismo, em que o ser é reduzido ao prazer e muitos vivendo o prazer por prazer não sabem dizer não, nem sim ao que pode e não pode fazer; nem muito menos a obrigação e ao dever. Também essa cegueira ética, moral e espiritual pode ser refletida sobre o consumismo desenfreado no mundo capitalista, que cada vez mais desvaloriza o Ser e valorizar o ter. Assim como também sobre o relativismo moral e espiritual, onde homens e mulheres passam de fato a ser a medida de todas as coisas; das que são enquanto são e das que não são enquanto não são.

A exigência da obrigação e dever ético são maiores para uma pessoa religiosa do que para a não religiosa, porque para Deus não basta só conhecer a luz, mas também ser luz para os que andam nas travas e assim como uma vela apagada é acesa em outra já acesa, as pessoas devem ascender a luz e ser luz para aquelas que estão com a luz da ética, da moral e do espírito apagada. Só assim, a humanidade pode se alegrar, reunir-se, exaltar de alegria e se saciar com a abundância de suas consolações. E assim, ouvir o Senhor exaltar e ordenar: “Alegra-te Jerusalém! Reuni-vos, vós todos que a amais; vós que estais tristes, exultai de alegria! Saciai-vos com a abundância de suas consolações” (Is. 66, 10-11).

Foi possível descrever três estágios da existência do ser humano, o estágio estético, o ético e o religioso. Esses estágios levaram as seguintes conclusões: o ser humano é um ser dual, por ser constituído de duas dimensões; divina e humana, temporal e eterna, transcendente e imanente; em seguida é confirmado que o criador da dualidade é Deus, o que faz do ser humano um ser ético religioso. Por último, conclui-se que o ser humano está condenado a uma doença mortal, que é o desespero, mas que é o desespero que diferencia a pessoa dos outros animais e do homem (ser humano) natural.

A reflexão feita neste texto serve como suporte para o leitor conhecer melhor algumas dimensões do ser humano, que sendo um universo tão amplo, não se pode conhecer em sua totalidade. Mas aqui foi possível saber que o ser humano sempre

se desespera de alguma coisa e em seguida desespera de si mesmo, como diz Kierkegaard: “desesperando duma coisa, o homem desespera de si, e logo quer liberta-se do seu eu”.<sup>157</sup>

Por tudo o que foi lido e apresentado, é possível concluir que o homem nunca se conforma pelo o que ele tem nem mesmo pelo o que ele é. Mesmo ele sendo o mais belo e mais amável de toda a criação de Deus, ele não vive satisfeito. Ele sempre está buscando satisfazer-se em alguma coisa, porém essa satisfação, segundo hermenêutica Kierkegaardiana, não deve ser satisfeita nele mesmo, mas em Deus.

O ser humano é religioso e amado por Deus e é a mais bela de toda a sua criação, porque foi criado a sua imagem e semelhança e foi pelo ser humano, que Deus se humanizou e morreu para resgatar toda a humanidade quando a encontrava imersa no pecado.

A existência humano-religiosa, só é verdadeira e autêntica se for relação com Deus. Sem essa relação, o homem (ser humano) desperdiça a sua vida e condena-se ao desespero absoluto. Essa relação - fé - só terá autenticidade se for absoluta, isto é, se Deus estiver sempre em primeiro lugar, tornando-se todo o resto secundário. Mas para Kierkegaard, a fé é um paradoxo: traduz uma confiança absoluta num Ser absolutamente desconhecido. Contudo, a pessoa religiosa no geral é um ser temporal no qual a eternidade vive, porque, tendo sido criado à imagem e semelhança de Deus, tem em si a marca da infinitude: Deus é a raiz do seu ser. Sem a relação com Deus, não é possível o acesso à totalidade do seu ser e ao verdadeiro e autêntico sentido da sua existência.

“Entretanto o homem (ser humano) deseja sempre libertar-se do seu eu, do eu que é para se tornar um eu da sua própria invenção”.<sup>158</sup> Eis aqui a filosofia melancólica de Kierkegaard, eis a angústia humana, eis o seu desespero. Não compreender o inexplicável amor de Deus e nem querer ser o que Deus designou. “Comparado com a sentença hegeliana de que o exterior é o interior e o interior é exterior, isso, certamente, é extremamente original”.<sup>159</sup>

Enfim, a pesquisa pode ser concluída sinteticamente da seguinte forma: **ética, religião, comunicação e existência**, são quatro conceitos que têm como

<sup>157</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 200.

<sup>158</sup> KIERKEGAARD, 1988, p. 201.

<sup>159</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 59. (Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas)

finalidade significar a vida do ser humano e o torná-lo mais feliz. **O ser humano é religioso** e passa por estágios existenciais antes de assumir sua religiosidade: **estágio estético, estágio ético, estágio religioso. A religião é o “remédio” para a doença mortal do ser humano**; doença mortal essa, que é o desespero, já que o humano é o único ser na face da terra, que se desespera.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*, [Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira, revisão Honório Dalbarco]. São Paulo, Paulus. 1995. (Patrisca)
- ÁVILA, Antonio. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. Tradução de Maria José Rosado Nunes e Thiago Gambi. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ABBAGNANO, Nicolai. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2000.
- ABDALLA, Maurício. *Uma janela para a filosofia*; ilustrações: Maria Ines Piekas. – São Paulo: Paulus, 2014.
- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 1999.
- ARENDT, Hannah. *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Piaget, 1997.
- BAUMAN, Zigmunt. *Amor Líquido: sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. Zigmunt. *Ética pós-moderna*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as origens até Nicolau de Cusa*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_ *A Trindade, a Sociedade e a libertação*. Petrópolis Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_ *Tempo de transcendência: o ser humano como projeto infinito*.  
Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_ *Ethos Mundial: Um consenso Mínimo entre os Humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

**BUBER Martin.** *Eu e Tu*. Tradução do alemão e introdução por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo. Centauro, 2001.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais*. Traduções das introduções e notas de La Bible de Jerusalém, edição de 1998, publicada sob a direção da “Ecole biblique de Jerusalém”.

CRISTINA, Ana. *O “Silêncio” materno: como a relação mãe-bebe repercute na constituição da subjetividade*. (Monografia) 2011.

CORTELLA, Mario Sergio & FILHO, Clóvis de Barros. *Ética e vergonha na cara*. Campinas, SP: Papyrus& Mares, 2014.

DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, Patologia e Saúde Mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FROMM, Erich. 4. Ed. *Ter ou Ser?* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_ *A Arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

FREUD, Sigmund. *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. / Organizadores Ernst L. Freud, Heinrich Meng, traduzido por Karin Hellen Kepler Wondracek e Ditmar Junge. 3. ed. Viçosa: Ultimato, 2009.



FREUD, Sigmund, *Obras completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1977.

\_\_\_\_\_ *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*; tradução Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_ *O futuro de uma ilusão (1927-1931)*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

\_\_\_\_\_ *O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Volume XXI (1927-1931). Traduzido do alemão e do inglês, sob direção de Jayme Salomão. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1969.

GALLIANO, Luciano. *Dicionário de Sociologia* – tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

JOSAPHAT, Carlos. *Ética mundial: esperança da humanidade globalizada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. Trad. Carlos Grife, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. 3. ed. (Col. Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_ Soren Aabye. *O Desespero humano*. Martin Claret: São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_ Soren Aabye. *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*. Vol. I. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Coleção Pensamento Humano.

\_\_\_\_\_ Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionado ao problema dogmático do pecado hereditário*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013. Coleção Pensamento Humano.

\_\_\_\_\_ Soren Aabye. *As obras do amor*. Apresentação e tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls; revisão da tradução, Else Hagelund.-- Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2013. Coleção Pensamento Humano.

\_\_\_\_\_ Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Trad. Torrieri. Paraná: Hemus, 2008.

\_\_\_\_\_ Soren Aabye. *Ou – Ou. Um Fragmento de Vida*. Ed. Relógio D'Água. Janeiro de 2013.

\_\_\_\_\_ Soren Aabye. *Migalhas filosóficas ou bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Trad. Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 3. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. - (Coleção Pensamento Humano).

LAPORTE, Ana Maria. *Amar o Verbo da Vida para Filosofar*. Scipione.

MARCHIONNI, Antonio. *Ética: a arte do bom*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MONDIN, Batista. *Curso de Filosofia*. São Paulo, Paulus. 2005.

MIRANDA, DE França, Mário. *O Cristianismo em face das religiões*. São Paulo, Loyola, 1998. Coleção Religiões em diálogo.

ROBERTO André Roberto Cremonezi. *A existência humana em seus três estágios estético, ético e religioso, segundo Soren Kierkegaard*. v. 17, n. 1, p. 17-18, out/nov. 2015. Artigo Científico disponível em: <[http://www.Fapas.edu.br/frontistes/index.php?Page = Artigo & artigo\\_id = 57](http://www.Fapas.edu.br/frontistes/index.php?Page = Artigo & artigo_id = 57)>. Acesso em: 11 nov. 2016.

PESSINI, Leo. *Bioética: um grito por dignidade de viver*. 3. Ed. Ver. e atual. – São Paulo: Paulinas, 2008.

PAULA, Marcio Gimenes de. *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009. Coleção Filosofia

REALE, Giovanni. *Aristóteles*. História da filosofia grega e romana. Tradução de Henrique C. L. Vaz e Marcelo Pirine. Nova edição corrigida. São Paulo Loyola, 2007. Vol. IV.

\_\_\_\_\_. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. São Paulo: Paulus, 2003.

ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da Filosofia contemporânea - do Século XIX à neoescolástica*. 4ª ed. São Paulo: Loyola 2011.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução de notas de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANCHEZ, Vasquez, Adolfo. *Ética Civilização brasileira*. 13ª ed. São Paulo, 1992.

VIDAL, Marciano, 1937. *Moral de atitudes* (tradução Ivo Montanhese). V. 1-3 – Aparecida, SP: Editora Santuário, 1978.

\_\_\_\_\_. *Para conhecer a ética cristã*; tradução I.F.L. Ferreira; revisão Edson Graciano. – São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. Col. Filosofia. São Paulo: Paulus, 1991.